



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Patrícia da Torre Fernandes

**RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA
DE ENSINO SUPERVISIONADA**
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Artes Visuais na Educação Pré-Escolar:
Pintura, Modelagem e Impressão

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)

Professor Doutor Carlos Almeida

Julho de 2017

“As artes que durante muitos anos foram olhadas como ornamentos nas escadas, são hoje reconhecidas tão essenciais no processo educacional como as ciências e as humanidades.”

Harold M. Williams, the Ohio State University, 1993, Maio, 22

Agradecimentos

Apresento os meus agradecimentos:

Ao Professor Doutor Carlos Almeida, meu orientador, pela disponibilidade, pela orientação e ensinamentos no decorrer deste trabalho de investigação;

Aos meus professores, que me acompanharam ao longo de todo o meu percurso académico;

Ao fantástico grupo de crianças com quem tive a oportunidade explorar este projeto;

Aos meus amigos que estiveram sempre presentes e que foram uma âncora muito importante, durante este percurso por Viana;

Aos meus tios e primos pelas palavras de coragem e força;

Às minhas tias Fátima, Cristina, Goreti e à minha prima Cristina pela insistência e persistência;

À avó Dores que sempre esteve preocupada e a rezar para que tudo corresse bem. À avó Trindade que partiu antes de ver o meu sonho realizado e que sempre esteve a meu lado;

Aos meus pais e ao meu irmão, que sempre me apoiaram e me deram coragem para nunca desistir, que possibilitaram, sob diversas formas, que eu pudesse realizar esta etapa da minha vida.

Resumo

No âmbito da unidade Prática de Ensino Supervisionado II, no ano letivo de 2011/2012, pertencente ao Mestrado em Educação Pré-Escolar, decorreu a realização de um projeto de investigação numa sala de Jardim de Infância, do concelho de Viana do Castelo.

O projeto está dividido em três partes distintas, sendo a primeira parte apresentação e o enquadramento educativo em questão no estudo, a segunda parte consiste em toda a envolvente do projeto de investigação e na terceira parte consta a reflexão final da unidade Prática de Ensino Supervisionado II.

Neste projeto de investigação, de cariz de investigação-ação, participaram 25 crianças, com idades compreendidas entre os 4 e 5 anos. Com este estudo pretendeu-se compreender as mais-valias de um processo de ensino aprendizagem que proporcionasse às crianças a possibilidade de aprenderem e explorarem diversas técnicas de trabalho, na Área de Expressão e Comunicação, no Domínio da Educação Artística, sendo neste caso concreto investigado no Subdomínio das Artes Visuais. Os objetivos traçados estão relacionados com os benefícios relacionados com a exploração de três técnicas diferentes de expressão plástica - pintura, modelagem e impressão – para cada uma das três técnicas a bordar serão realizadas 2 atividades com temáticas diferentes, assim como, com o recurso a materiais diversos. No final do projeto, pretendesse tirar conclusões relacionadas com desenvolvimento da criatividade das crianças, assim como, na evolução dos índices motivacionais demonstrados no decorrer das atividades.

No último capítulo, deste projeto de investigação, da unidade curricular PES II, na reflexão, constatarão factos relacionados com as mais-valias da prática, como os conhecimentos adquiridos, assim como uma visão global da realidade diária numa sala de Jardim de Infância, com todos os desafios e boas experiências retiradas para o meu desenvolvimento profissional.

Palavras-chave: Educação Pré-Escolar; Artes Visuais; Pintura; Modelação; Impressão.

Abstract

In the scope of the unit for Supervised Teaching Practice II, in the 2011/2012 school year, belonging to the Masters in Pre-School Education, the accomplishment of an investigation project, took place in a classroom of a Pre-school, in the district of Viana do Castelo.

In this investigation project, which the aspect and aim is action- investigation, 25 children between the ages of 4 and 5 participated. With this study we aimed to understand the values of teaching in a learning process that gave the children the possibility to learn and explore different work techniques, in the Expression and communication areas, in dominating the artistic education, in this case the concrete investigation of Visual Arts.

The outlined objectives are related with benefits regarding the three different artistic expression techniques: - painting, molding and printing, for each of these three techniques two activities will take place using different themes using resources of various materials. At the end of the project we aim to find conclusions relating to the creative development of the children, such as the motivational evolution shown during the course of the activities.

In the last chapter of this investigation project, of the PES II curriculum, in the reflections, facts will be reported relating to the value of the practice, with the knowledge acquired, and the global vision of the daily reality in a classroom of a pre-school, with all its challenges and good experiences received for my professional development.

Key- words: Pre- School education, visual arts; painting; molding; printing.

Índice

Lista de Tabela	IX
Lista de Gráficos	X
Lista de Figuras	XI
Lista de Abreviaturas	XIII
Introdução	1
PARTE I.....	3
I-Caraterização do Contexto Educativo	3
1.1 Caraterização do Meio	3
1.2 Caraterização do Jardim-de-Infância.....	4
1.3 Caraterização da faixa etária da sala com base na literatura	5
PARTE II.....	12
Capitulo I – Enquadramento do Estudo	12
1. Contexto de Investigação	12
1.1 Problema da Investigação	13
1.2 Finalidades da Investigação.....	14
1.3 Objetivos	14
1.4 Questão de Investigação	14
1.5 Palavras-chave.....	14

Capítulo II – Fundamentação Teórica.....	16
2. Definição de Conceitos Chave.....	16
2.1 Educação Pré-Escolar.....	18
2.2 Educação com a Arte.....	21
2.3 O Educador e as Artes Visuais.....	23
2.4 Vantagens da Educação pela Arte.....	24
Capítulo III - Metodologia adotada	27
3. Seleção da Metodologia de Investigação.....	27
3.1 Investigação Ação – Características, Vantagens e Desvantagens.....	27
3.2 Instrumentos de Recolha de Dados.....	30
3.2.1 Observação.....	31
3.2.2 Registo Fotográfico.....	31
3.2.3 Questionário.....	32
3.2.4 Registo Diário / Notas de Campo.....	32
3.3 Plano de ação.....	32
3.4 Análise de Dados.....	34
3.5 Questões éticas.....	34
Capítulo IV - Descrição da investigação ação.....	36
Capítulo V - Análise e Interpretação de Dados	53
Capítulo VI - Conclusões e implicações educativas	61
PARTE III.....	65
Reflexão de PES II	65
Bibliografia.....	69

Anexos 71

Lista de Tabela

Tabela 1 – Mapa das sessões.....	32
----------------------------------	----

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Qual a técnica que mais gostaram de realizar?	57
Gráfico 2 - Preferência nas técnicas utilizadas	58
Gráfico 3 – Preparação da pasta de papel VS construção do objeto.....	59
Gráfico 4 – Técnicas exploradas VS desenho simples	60

Lista de Figuras

Figura 1 - Atividade de Pintura - Ovo da Páscoa	36
Figura 2 - Execução do Ovo	36
Figura 3 - Pintura do Ovo com uma só cor	38
Figura 4 - Pintura do Ovo com várias cores	38
Figura 5 - Atividade de Pintura - As Profissões	38
Figura 6 - Trabalho 1 – Catálogo de “criação” de cores	40
Figura 7 - Trabalho 2 – Catálogo “criação” de cores	40
Figura 8 - Pintura da criança V	41
Figura 9 - Pintura da criança MD	41
Figura 10 - Pintura da criança G	42
Figura 11 - Pintura da criança M	42
Figura 12 - Atividade de Modelagem - As Profissões	42
Figura 13 - Corte do cartão	43
Figura 14 - Amassar da pasta de papel	43
Figura 15 - Trabalho 3 - Peça bidimensional 1	44
Figura 16 - Trabalho 4 - Peça tridimensional 1	44
Figura 17 - Atividade de Impressão (monotipia) - Prenda do Dia da Mãe.....	45
Figura 18 - Materiais utilizados impressão – monotipia	45
Figura 19 - Pintura da matriz 1	46
Figura 20 - Criação da matriz	46

Figura 21 - Trabalho 5 -Monotipia 1.....	47
Figura 22 - Trabalho 6 - Monotipia 2	47
Figura 23 - Atividade de Modelagem - As Flores da Princesinha	48
Figura 24 - Trabalho 7 - Peça tridimensional 2	50
Figura 25 - Trabalho 8 - Peça bidimensional 2	50
Figura 26 - Atividade de Impressão - Rainha D. Maria II	50
Figura 27 - Pintura da matriz 2	51
Figura 28 - Execução da impressão	51
Figura 29 - Trabalho 9 - Impressão 1	52
Figura 30 - Trabalho 10 - Impressão 2	52

Lista de Abreviaturas

PES I – Prática de Ensino Supervisionada I

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PCT – Projeto Curricular de Turma

PES II – Prática de Ensino Supervisionada II

Introdução

No âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionado II, num Jardim de Infância do distrito de Viana do Castelo, no ano letivo de 2012/2013, realizou-se um projeto de investigação, inserido na Área de Expressão e Comunicação, no Domínio da Educação Artística, com foco no Subdomínio das Artes Visuais.

Este projeto foi implementado num Jardim de Infância, localizado no concelho de Viana do Castelo. Para tal houve uma primeira fase de observação do grupo de criança em estudo, que foi realizada na unidade curricular Prática de Ensino Supervisionado I, na qual foi possível observar as crianças a trabalhar, a interagirem umas com as outras, assim como, ver quais eram as suas áreas de interesse e aquelas em que aparentemente não demonstravam muita importância. Durante esse processo, de observação fui notando, que a maioria das crianças não demonstravam interesse em realizar muitos dos trabalhos de artes visuais que lhes eram propostos, sendo estes na maioria das vezes eram o desenho simples. Durante este processo fui notando que as crianças demonstravam ter muitas dúvidas sobre o que desenhar, como também, não demonstravam estarem muito motivados em realizar os trabalhos, assim como eram muito rotineiros nos desenhos realizados, demonstrando dificuldade em expressar criatividade nesse processo.

Após ter identificado que as crianças tinham dificuldade em expressar a criatividade, assim como, demonstravam pouca motivação para as Artes Visuais, desta forma este projeto terá em foco este subdomínio. Assim sendo as crianças realizarão atividades utilizando três técnicas diferentes, a pintura, a modelagem e a impressão, para que possa ser feito o cruzamento de dados de forma rigorosa, cada técnica será implementada duas vezes, fazendo uso de diferentes materiais e enquadrada em temáticas distintas.

Numa primeira parte deste estudo, será exposta a caracterização do contexto educativo, no qual será feita a caracterização do meio em que o jardim-de-infância está inserido, também terá descrita a caracterização do Jardim de Infância, sendo enumeradas características físicas do espaço, assim como os recursos humanos.

Na segunda parte do estudo farão parte seis capítulos, no primeiro será descrito o contexto do estudo, as problemáticas, finalidades, objetivos, questões de investigação e as palavras-chave. No segundo capítulo será narrada fundamentação teórica, com a definição de conceitos, entre eles a Educação Pré-Escolar, a educação com a arte, o educador e as artes visuais e as vantagens da educação pela arte. O terceiro capítulo será focado na metodologia adotada para o estudo, englobando pontos como: o porque da metodologia escolhida, os métodos de recolha de dados utilizados, o plano de ação, a análise de dados e as questões éticas. Com o quarto capítulo pretendesse dar a explicar que atividades foram realizadas, assim como, como essas decorreram. No capítulo cinco será apresentada a análise e interpretação dos dados recolhidos. Para finalizar o capítulo seis fará referência as conclusões e implicações educativas detidas com a realização deste projeto.

A última parte do projeto será reservada para realização da reflexão sobre a PES II, a qual terá incidência sobre todas as valências adquiridas nesse período, tendo em conta a formação pessoal e profissional da autora.

Em suma, pretende-se, com a realização deste trabalho, saber de que forma as crianças reagiram às diversas técnicas utilizadas, a nível da motivação e criatividade, sendo o ponto de partida para novas aprendizagens e desenvolvimento global da criança, assim como, para o desenvolvimento do educador.

PARTE I

I-Caraterização do Contexto Educativo

1.1 Caraterização do Meio

O Jardim de Infância que me proponho estudar situa-se na freguesia da Meadela, concelho e distrito de Viana do Castelo. Meadela é uma freguesia com cerca de 12000 habitantes, que tem vindo a perder progressivamente as suas caraterísticas rurais, pois desenvolveu na sua área geográfica uma bem-sucedida indústria de cerâmica tradicional.

A nível socioeconómico, Meadela tem como principais setores laborais a agricultura, a pecuária, o comércio, e a indústria de cerâmica.

Faz parte da sua tradição de festividades religiosas a comemoração em Agosto de Santa Cristina (sua Santa padroeira), e em Setembro comemoram o S. João, S. Pedro, S. Vicente e Sra. da Ajuda.

A nível cultural, na Meadela existem diversas coletividades, entre as quais: a Associação de Moradores da Cova; a Associação de Moradores de Portuzelo; o Centro Social e Paroquial da Meadela; o Corpo Nacional de Escutas – Agrupamento 348; a Associação de Guias de Portugal; o Grupo Folclórico das Lavradeiras de Meadela e Ronda Típica da Meadela; o Centro Social e Cultural da Meadela; a ACEP – Associação Cultural e Educação Popular; a ACAT – Associação Equestre Taurina; a Associação de Dadores de Sangue; e a Associação de Columbófila da Meadela. Em todas estas associações se desenvolvem atividades culturais regulares, que são espelho do empenho, da história e da tradição desta localidade.

1.2 Caraterização do Jardim-de-Infância

Recursos Humanos

A instituição é constituída pelos seguintes membros de recursos humanos: 1 diretora; 6 educadoras; 6 auxiliares; 1 cozinheira; 2 copeiras.

Por cada sala, está encarregue uma educadora e uma auxiliar, que vai alternando mediante o horário da manhã e da tarde, embora, por vezes, a educadora tenha de ficar unicamente encarregue pelo seu grupo de crianças sem o apoio da auxiliar. No entanto, nem sempre é possível ter presente uma auxiliar em todo o horário ao longo do dia, devido à redução do pessoal, pelo que este apoio fica um pouco limitado. Além do apoio nas salas, as auxiliares recebem e acompanham as crianças logo pela manhã quando chegam ao Jardim de Infância, e no final da sessão, à tarde, acompanham as crianças enquanto aguardam que os pais as venham buscar, ou direcionam para as carrinhas as crianças que vão para a ACEP.

Caraterísticas Estruturais

O Jardim de Infância, no qual decorreu este estudo, é constituído por seis salas; por casas de banho diferenciadas, duas de grande área perto das salas, uma de área menor na cantina, para crianças, assim como outras duas casas de banho para os adultos; uma cantina; uma sala de reuniões, uma sala do diretor; uma sala para guardar bens pessoais com diversos armários, um polivalente, e dois espaços exteriores para recreio, um com jogos tradicionais, e outro com baloiços.

Nesta instituição, as crianças têm idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, e cada sala tem presente uma educadora e uma auxiliar.

A sala, que foi alvo de estudo, é constituída por um grupo de 25 crianças, com idades entre os 4 e 5 anos. Em relação à sua estrutura espacial, a sala é um pouco reduzida tendo em conta o número total de crianças que esta recebe. A falta de espaço, implica que as mesas estejam apenas dispostas para trabalhos em grande grupo, colocadas em “U”, a opção a qual é feita tendo em conta o grupo de crianças e a melhor

forma de trabalho para estes. Apesar da falta de espaço, a sala tem vários pontos fortes que são: uma boa luminosidade, temperatura agradável, e a existência de seis áreas diferentes muito bem organizadas e com múltiplos materiais. São elas: a área da casinha (anexo 1), a área da expressão plástica (anexo 2), a área do computador (anexo 3), a área das construções (anexo 4), a área do cantinho da leitura (anexo 5), e a área dos jogos de mesa (anexo 6).

1.3 Caracterização da faixa etária da sala com base na literatura

Desenvolvimento motor

O desenvolvimento e as mudanças fisiológicas são visíveis no grupo, pela ligeira superioridade dos rapazes face às raparigas, tanto no peso como na altura. Esta diferença no entanto, não transporta a grandes desigualdades no seu desenvolvimento motor. Uma vez que como, referem Hohmann & Weikart (1997) as crianças quando entram para o pré-escolar demonstram estar numa fase evolutiva na aquisição de habilidades motoras, o que faz que estejam em constante descoberta e adaptação dos seus movimentos.

Este processo ajuda a que as crianças aprendam sobre si próprias e sobre o mundo, melhorando competências de coordenação motora, forma física e autoconfiança. No que diz respeito ao movimento sem locomoção, o grupo realiza movimentos de rodagem, balanço do corpo, de mexer e dobrar os braços, alonga-se, tendo noção daquilo que são capazes de fazer através de diversos jogos. Ao nível do movimento com locomoção, o grupo realiza o salto a pés juntos corretamente, sendo perfeitamente visível em atividades de movimento de salto a pés juntos com ou sem saco, sobem escadas alternando o movimento entre os membros inferiores, executam o salto ao pé-coxinho, tanto com o pé esquerdo como com o pé direito, ao longo de pequenas distancias, na corrida, executam-na alternando movimentos rápidos e lentos, ritmo e intensidade, e realizam marcha corretamente quando fazem filas “o comboiozinho” para irem para o recreio ou cantina. Além disso, o grupo consegue expressar criatividade nos seus movimentos, dramatizando experiencias de situações que conhece, sendo capaz ainda de movimentar-se de acordo com instruções. Porém a maioria das crianças do

grupo ainda não tem o sentido de lateralidade desenvolvido, confundindo o lado esquerdo com o lado direito, e vice-versa.

Estes processos podem ser interiorizados através da aprendizagem pela ação, seguidas por Hohmann & Weikart (1997), que dizem que a aprendizagem da criança através da ação sobre objetos e a interação com o outro promove eventos, novos conceitos e ideias.

Aprendizagem pela ação

As crianças do grupo realizam atividades que partem dos seus interesses pessoais e das suas intenções, por exemplo quando estão nas áreas, experimentando a troca de papéis com o jogo simbólico, descobrindo a relação entre materiais e suas funções, conhecendo-se melhor a si próprias e conhecendo os outros colegas. Ao realizar estas atividades, as crianças expressam aquilo que estão a fazer utilizando o seu próprio vocabulário, as suas próprias palavras, expondo aquilo que são as suas experiências e conhecimento acerca daquilo que estão a fazer. Também se pode observar a afirmação que as crianças obtêm com a realização destas atividades, demonstrando cada uma maior ou menor entusiasmo na execução das mesmas. Quando fazemos parceria com as crianças e as ouvimos, encorajámos o seu pensamento e a sua autonomia. Ou seja, somos como um pilar, onde as crianças através do nosso apoio realizam aprendizagens, e onde estas se vão tornando cada vez mais específicas, e a partir do momento em que começam a ganhar autonomia, começamos a deixar de lhes dar um tanto apoio para que realizem as atividades por si próprios. As crianças demonstram grande iniciativa no desenvolvimento das atividades, e empatia pelo modo como se sentem os restantes colegas. No que diz respeito à autoconfiança, por vezes há uma inexistência da mesma no grupo, em determinadas atividades, em que as crianças dizem não serem capazes para as realizar. No entanto, quando estamos a dar-lhes apoio e a questioná-las, estas conseguem realizar corretamente as mesmas. O ambiente das áreas de interesse proporciona às crianças um ambiente psicologicamente seguro e com significado, facilitando a transição das crianças de casa para os contextos educativos, criando um sentido de pertença a uma comunidade.

Rotinas diárias

Com as rotinas diárias, as crianças demonstram ter conhecimentos acerca das diversas áreas do conhecimento, e vontade de querer descobrir mais sobre determinadas experiências num determinado contexto. São capazes de concretizar intenções, através de brincadeiras e jogos, e resolver problemas com que se deparam, construindo deste modo conhecimento à medida que se vão envolvendo nas mesmas. As brincadeiras em que se envolvem incluem a brincadeira exploratória, construtiva, e de faz-de-conta.

Na brincadeira exploratória, o grupo, no seu geral, explora, manipula e experimenta diversos tipos de materiais que lhe permite descrever capacidades físicas e ver o que acontece com os materiais, fazem ainda o reconhecimento de imagens, identificam diferenças e atributos dos objetos, como por exemplo a cor, a textura e o som.

Por sua vez na brincadeira construtiva, o grupo demonstra criatividade quando realiza construções com, por exemplo, blocos, criando torres, casas, pontes, com a plasticina moldando animais, bolos, etc.

Na brincadeira de faz-de-conta, o grupo imita ações de outras pessoas, por exemplo os pais, ou até mesmo os próprios colegas, utilizando o tipo de linguagem destes, servindo-se de diversos objetos para auxiliarem nesse faz-de-conta. As crianças têm assim oportunidade de se conhecerem melhor a si próprias, e de conhecerem melhor os outros, passando por diversas experiências.

Os jogos são outra importantíssima forma de conhecimento. O grupo através de diferentes jogos consegue assimilar diversos conhecimentos nas diferentes áreas, e desenvolver a sua formação pessoal e social. Sente necessidade de conhecer as regras e de as cumprir.

Os jogos de arrumação fazem também parte das suas rotinas, e estas retiram grande satisfação das mesmas, pelo que fazem questão e sentem que é necessário arrumar todos os materiais das áreas para os seus devidos lugares. E para isso, arrumam os blocos e legos nas gavetas de arrumação etiquetadas, fazem a cama da casinha, arrumam as panelas e frutas da cozinha, guardam os lápis, colocam os livros nas prateleiras, e pedem ajuda para desligar o computador.

Expressão Musical

Esta talvez seja uma das áreas que necessita maior trabalho neste momento com as crianças. Na sala, a existência de instrumentos musicais é nula, pelo que, as suas experiências nesta área do conhecimento se baseiem maioritariamente em jogos musicados, movimento ao som da música e o canto de canções.

No que diz respeito ao movimento ao som da música, as crianças conseguem realizar movimentos corporais de acordo com o ritmo da mesma, identificam também as diferenças de intensidade, e os sons graves dos agudos.

Relativamente ao canto, o grupo tem grande facilidade em aprender as músicas, através da leitura e interpretação de pictogramas, o que facilita a memorização da mesma, bem como dos seus gestos.

Recreio

As crianças têm à sua disposição uma variedade de jogos tradicionais e baloiços, colocados no espaço exterior do Jardim de Infância. No entanto, as crianças não demonstram grande interesse pelos jogos tradicionais dirigindo-se mais para os baloiços, e jogando ao faz-de-conta com situações abordadas na sala, ou simplesmente experimentando troca de papéis ou imitação de alguém ou de algum animal.

O espaço exterior – o recreio – também proporciona às crianças maior liberdade de ação, pois podem correr mais à vontade e usufruir do ar livre.

Representação criativa

Como defendido por Hohmann & Weikart (1997) a noção de representação emergem para a criança tendo como pontos de partida experiência reais, tais como a manipulação de objetos, acontecimentos do seu cotidiano, e com a interação com outras pessoas. Assim, o grupo representa, através do desenho, objetos, histórias, receitas, e situações que tenham vivido. Os seus desenhos são representados através de garatujas, que em algumas crianças está mais desenvolvida do que em outras. Ao nível da pintura,

na sua maioria pintam dentro dos contornos das imagens e tentam preencher todos os espaços em branco, pegando corretamente (em forma de pinça), nos lápis ou marcadores. Atribuem ainda a cor correta para as diferentes imagens. Além do desenho e pintura, as crianças recorrem a outros materiais para fazerem representações, desde a plasticina, folhas, lã, cartão, blocos, etc.

Este género de atividades desenvolve muito a criatividade das crianças, levando-as o real quotidiano, a expressar a forma como vêem o mundo à sua volta.

Linguagem e literacia, e escrita

Apesar de não saberem ler, as crianças demonstram um grande desejo para saber o que está escrito nos livros, e em outras fontes de informação escrita. Tentando descodificar, por exemplo a história do livro através do que mostra a imagem. Sentem ainda um enorme desejo de comunicar, pelo que sentem necessidade de se fazer entender e de entender o que os outros dizem. Por essa mesma razão, torna-se necessário que sejam introduzidas novas palavras no seu vocabulário para que esta comunicação evolua.

A leitura é também muito importante neste desenvolvimento da comunicação, e é um recurso pelo qual as crianças se sentem motivadas. No momento de leitura de um livro as crianças sentiam necessidade de comunicar de imediato, colocando diversas questões, ou reproduzindo as falas das personagens, e imitando diversas situações. Resultado destes momentos, as crianças sentem também a necessidade de imaginar os possíveis finais das histórias, ou de criar as suas próprias histórias.

No que diz respeito à escrita, na sua maioria o grupo reconhece e escreve o seu nome e a data, embora, por vezes, invertam a escrita das mesmas. Na tentativa de escreverem outras palavras, as crianças usam como referência as letras dos seus próprios nomes, no entanto ainda não é visível o reconhecimento das sílabas presentes nas palavras. Ao nível da consciência fonológica, as crianças conseguem reproduzir o som correto das palavras, embora em alguns casos haja dificuldade na reprodução de sons iniciados por “s”, e “pr”, como por exemplo, Sara e presépio.

Classificação, seriação e número

Assim verificou-se que o grupo explora e descreve semelhanças, diferenças e atributos dos diferentes objetos, reconhece e distingue formas (círculo, triângulo, retângulo, e quadrado), consegue ordenar e fazer correspondências por exemplo através da componente das cores ou das formas, utiliza e descreve objetos de diferentes formas, consegue identificar a diferença entre “alguns” e todos”.

No que diz respeito à seriação, as crianças conseguem comparar atributos aos objetos; dispõem objetos seguidos numa determinada série ou padrão e descrevem as relações neles presentes; fazem a correspondência entre um conjunto de objetos ordenados a outro conjunto através da tentativa e erro.

Como defende Hohmann & Weikart (1997) que é fundamental para a criança em idade pré-escolar a interação com várias pessoas e materiais, uma vez que vai fazer com que esta comece a adquirir um conceito operativo de número. Neste âmbito, o grupo consegue determinar entre dois conjuntos qual tem maior ou menor número de objetos; consegue ordenar dois conjuntos fazendo uma correspondência de um para um; e consegue fazer contagem de objetos, ou do número de rapazes e raparigas do grupo e o seu total.

Espaço e Tempo

O grupo sente dificuldade em localizações espaciais que não estejam diretamente ligadas com o seu dia-a-dia. Por exemplo, quando questionadas sobre qual era o nome do seu país, a resposta foi imediata, e responderam em conjunto que se chamava Meadela. Quando lhes é dito que Meadela era o nome da freguesia, então disseram de forma automática que o nome do país então seria Viana do Castelo. Com isto, o grupo demonstrou que lhes era familiar o local onde vivem, mas a nível espacial não sabiam diferenciar o local das suas casas, para o que se entende por país.

No que diz respeito ao Tempo, o grupo sente algumas dificuldades por vezes em relacionar o conceito ao Tempo, ou seja, associar o “ontem” a situações passadas e o “amanhã” a uma situação futura. Muitas vezes aplicam o termo “amanhã” para situações

que ocorreram no passado e vice-versa. Muitas vezes associam também o termo “ontem” para todas as situações vividas no passado. No entanto, conseguem perceber quando se inicia ou termina uma atividade, sabem descrever se determinado movimento é rápido ou lento, e fazem uma descrição de sequências de acontecimentos.

PARTE II

Capítulo I – Enquadramento do Estudo

1. Contexto de Investigação

Este estudo decorreu no ano de 2011/2012, num Jardim de Infância situado no distrito de Viana do Castelo. Na realização deste trabalho participaram 25 crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 5 anos, sendo que 13 são meninas e 12 são meninos. Uma das crianças do estudo apresentava problemas de aprendizagem, tendo sido diagnosticada como Necessidades Educativas Especiais (NEE), uma vez que evidenciava carências a nível de atenção, de concentração, assim como em se relacionar com outras crianças, tanto na sala, como no restante ambiente escolar.

O enfoque deste trabalho baseia-se na demonstração de que é vantajoso para o desenvolvimento intelectual e cognitivo das crianças experienciarem uma diversidade de técnicas de artes visuais. Deste modo foram contempladas três técnicas, a pintura, a impressão e a modelagem. A investigação seguiu esta linha, uma vez que um dos problemas notados no decorrer do estágio e das observações efetuadas, foi a sistemática proposta da execução de desenhos às crianças. O que com o tempo fez com que se chegasse à conclusão de que elas não ficavam entusiasmadas na realização desse tipo de registos, uma vez que elas o realizavam com muita frequência, o que fazia com que perdessem a motivação e empenho. Verificou-se, então, que as crianças faziam as tarefas só por fazer, assim como tentavam apressar a realização das mesmas para depois poderem passar a outra atividade.

Desta forma, optou-se por fazer um estudo que permitisse potenciar a diversidade de atividades de expressão plástica no sentido de aumentar os índices motivacionais para a prática das atividades nesta área. Tal como está referido nas Orientações Curriculares para o Ensino Pré-Escolar (Ministério de Educação, 2016), devem ser realizadas atividades que proporcionem o contacto com diversos materiais e instrumentos, para que as crianças tenham todas as mesmas oportunidades e experiências, a fim de que a sua evolução seja uniforme.

Neste sentido, realizaram-se seis atividades em períodos diferentes, de modo que as crianças pudessem trabalhar temas e técnicas de forma produtiva e motivada. A explicação das atividades desenvolvidas será apresentada no capítulo IV deste trabalho. Assim, passo a enumerar o cronograma dos trabalhos: o primeiro teve início na semana de 19 a 21 de Março de 2012, tendo como tema a criação de ovos de Páscoa. Para esta tarefa as crianças aplicaram a técnica da pintura com guache, aleada à construção dos próprios ovos; o segundo e terceiro decorreram na semana de 17 a 19 de Abril e as crianças aplicaram duas técnicas distintas, a modelagem e a pintura guache, tendo como mote a temática das profissões, sendo que na modelagem, tiveram de fazer um objeto relacionado com a profissão que escolheram e na pintura com guache fizeram uma reprodução de como será a sua profissão. O quarto decorreu entre os dias 30 de Abril e 2 de Maio e as crianças utilizaram uma técnica da impressão, a monotipia, na realização de uma caixa de cartolina, para a prenda do Dia da Mãe. Na execução da técnica tiveram que desenhar, com os dedos, sobre um vidro pintado com guache, para posteriormente o desenho ser transferido, impresso, na caixa de cartolina; o quinto trabalho realizou-se na semana de 21 a 23 de Maio em que as crianças utilizaram a técnica da modelagem com pasta de sal sobre a história “A Princesinha do Jardim de Pedra” de Daniel Marques Ferreira, na qual criaram as flores do jardim da princesinha; por fim, e na semana de 11 a 13 de junho as crianças realizaram o sexto trabalho, no qual, utilizaram pacotes de leite para executaram impressões sobre a temática da história “D. Maria a Educadora” de Ana Oom, na qual tiveram que desenhar sobre placas, feitas a partir de pacotes de leite, para posteriormente pincelarem com tinta e transferirem a imagem para uma folha de papel.

1.1 Problema da Investigação

A falta de interesse demonstrado pela área de artes visuais foi problemática diagnosticada ao longo das observações realizadas com as crianças na unidade curricular de PES I, na qual as crianças evidenciavam alguma falta de motivação para trabalhar a área das artes visuais, muito em conta ao facto de fazerem muitas atividades de desenho simples, em detrimento de outras técnicas e materiais de trabalho. Desta forma, tornou-se pertinente estimular as crianças à prática de diversas técnicas, como a pintura,

modelagem e impressão. Assim, torna-se evidente a necessidade de articular atividades recorrendo a diferentes metodologias, com orientações assertivas para potenciarem a criatividade e motivação pelas artes visuais.

1.2 Finalidades da Investigação

Com esta investigação pretende-se atingir os seguintes finalidades:

- Definir as mais-valias da utilização de várias técnicas de expressão plástica: pintura, modelagem e impressão;
- Verificar de que forma a utilização de diferentes técnicas influenciam a criatividade e aprendizagens essenciais para a criança;
- Saber de que forma os índices motivacionais aumentam com o recurso da aplicação de diferentes técnicas de expressão plástica.

1.3 Objetivos

Com este estudo pretende-se perceber até que ponto as crianças podem beneficiar com a realização de atividades que explorem diferentes técnicas. Também se pretende demonstrar que é importante explorar várias de técnicas e ver se estas levam à expansão motivacional das crianças, anulando a possibilidade de monotonia e desinteresse. De igual modo, pretende-se potencializar a criatividade e consequente a autonomia de trabalho no período de experimentação desta investigação-ação.

1.4 Questão de Investigação

No âmbito desta investigação foi traçada a seguinte questão:

Quais as mais-valias da aplicação diversificada de técnicas de artes visuais para o aumento dos índices motivacionais associados ao desenvolvimento da criança?

1.5 Palavras-chave

Para este estudo foram definidos conceitos chave, abordados na revisão da literatura, que estão relacionados com a expressão plástica, as técnicas envolventes, assim como, os fatores motivacionais e de criatividade. Sendo estes: educação pré-escolar; artes visuais; pintura; impressão e modelagem.

Capítulo II – Fundamentação Teórica

2. Definição de Conceitos Chave

Neste capítulo será procedesse-a à revisão da literatura sobre conceitos abrangentes ao ensino da Educação Artística e a importância que ela tem no desenvolvimento da criança.

Pensar a educação hoje requer um exercício complementar não só porque deve-se ter em conta a tradição cultural e identitária, como também, requer o constante cruzamento com outras culturas e com outras formas de ver e sentir o mundo. Desta forma e segundo os documentos do Ministério da Educação,

Isto aplica-se a todas as áreas das ciências exatas, sociais e humanas, uma vez que são elas que enformam o indivíduo e este, por sua vez, a sociedade. No entanto, é de senso comum que as áreas mais artísticas e performativas endossam o intelecto bem como estimulam a criatividade, tornando o ser humano mais expressivo e mais equilibrado porque consegue exprimir, através da arte, o seu plano sensorial e emocional. Assim, procurou-se definir os conceitos que servem de base a este processo de investigação como é defendido nas OCEPE:

“A educação (...) pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida.” (Ministério de Educação, 2016, p. 5)

A educação pré-escolar é o primeiro alicerce na formação de uma criança, com está enunciado no Ministério de Educação (2016), esta pretende promover o desenvolvimento social e pessoal com prestativa na educação em cidadania, para que a criança consiga respeitar os seu pares e restante sociedade, para tal é estimulada a trabalhar em grupos, para que tenha contacto com todo o tipo de meios sociais diferentes. Desta forma a escola deverá criar um acesso igualitário de oportunidades de aprendizagem a todas as crianças, para que estas consigam desenvolver-se no seu todo, contudo, é necessário ter em conta o respeito pela individualidade de cada uma dessas crianças para que sejam realçadas aprendizagens significativas e diferentes. A educação pré-escolar deve potencializar o desenvolvimento de várias expressões, assim como promovera comunicação através de diversas linguagens que desenvolvam um sentido de

estética e de percepção do mundo que as rodeia, esta também deve desenvolver o sentido crítico e a curiosidade. O bem-estar e a segurança, tanto individual como coletiva, das crianças têm que ser assegurados durante todo o processo de aprendizagem, de forma a evitar inaptações e deficiências, assim como, a fomentar a melhor orientação possível para as crianças. Durante todo o processo de aprendizagem no pré-escolar deve ser incentivada a participação das famílias, como as relações com a comunidade envolvente.

A educação pré-escolar é muito importante como é referido por Papalia, Olds, & Feldman (2001) em que o desenvolvimento da mente da criança é muito marcante nas idades compreendidas entre os 3 e 5 anos, uma vez que esta vai adquirir a capacidade de incluir no seu processo de pensamento a avaliação de acontecimentos reais e não reais, desta forma consegue distinguir a aparência da realidade, o que ajuda a que a criança assimile os conceitos e atividades que lhe são propostas a realizar. No entanto, é preciso realçar que o pensamento lógico ainda não está desenvolvido, ao que a função simbólica é muito importante para a compreensão do que lhe está a ser demonstrado, assim sendo as atividades e a forma de explicar as questões às crianças deve ser feita com uma linguagem simples e objetiva, como auxílio de jogos/atividades simbólicas para que esta consiga refletir mentalmente sobre o que está a acontecer à sua volta. É de notar também, que a criatividade como as atividades que são apresentadas às crianças vai ajudar a ter mais atenção e interesse o que provavelmente fará com que se recorde de uma forma mais fácil do que lhe foi dado a conhecer.

O ensino pré-escolar é um marco muito importante para o desenvolvimento da criança, uma vez que lhe oferece a capacidade de aprender/ trabalhar várias áreas de conteúdo, de se comunicar com os outros, tanto adultos como crianças, o que vai ajudar a desenvolver competências sociais, emocionais e de autoestima, entre outras, mas também estará a ser preparada para quando a sua entrada no 1º ciclo do ensino básico.

2.1 Educação Pré-Escolar

Durante o ensino do pré-escolar a criança terá contacto com várias Áreas de Conteúdo: sendo estas a Área de Formação Pessoal e Social, a Área de Expressão e Comunicação e a Área de Conhecimento do Mundo.

Como está expresso nas OCEPE a Área de Formação Pessoal e Social é considerada como sendo transversal às duas outras áreas, uma vez que nesta, estão presentes em todos os processos de desenvolvimento da criança desde a noção de identidade pessoal, à autoestima, à autonomia, à noção de vivência em comunidade, democracia, cidadania e às relações interpessoais. Na Área de Conhecimento do Mundo a criança terá a oportunidade de interagir com as novas tecnologias, as ciências, assim como, a exploração do mundo que a rodeia, desde as estações do ano, aos restantes seres vivos, tal como a sua localização geológica e identidade cultural.

Para este caso a Área de Conhecimento em incidência na investigação é a Área de Expressão e Comunicação na qual são abordados quatro domínios, sendo eles: o Domínio da Educação Física, o Domínio da Educação Artística, o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e o Domínio da Matemática.

Dos domínios expostos previamente o Domínio da Educação Artística é o que será abordado. Este encontrasse dividido em subdomínios sendo eles: o da Educação Física; o das Artes Visuais, o qual é o foco desta investigação; o do jogo Dramático/Teatro; o da Música e o da Dança. Mais uma vez como é explícito nas OCPE as diferentes linguagens artísticas são formas de enriquecer os meios de expressão e comunicação das crianças. Ao dar à criança a oportunidade de contactar com as diversas demonstrações artísticas fará com que esta seja capaz e tenha prazer em manipular, observar, criar, e explorar, o que fará com que a criança, entre outros aspetos, desenvolva a criatividade e comece a adquirir conceitos como o sentido estético, o sentido crítico e a noção da representação simbólica.

As artes visuais são um dos meios mais criativos que o ser humano tem para se expressar, no qual consegue refletir o seu lado mais emocional, mas também, e através da observação dos materiais, criar uma pluralidade de oportunidades de transformar em algo novo, ou seja desenvolver o processo criativo. Assim como, é evidenciado na

Enciclopédia em Educação Infantil (1997) que as Artes Visuais são uma das formas mais próprias que as crianças têm para observar os objetos de forma criativa, mas também, de comunicar como os vê e como eles a afetam emocionalmente, com quem a rodeia.

A manipulação e experiência com diferentes materiais, com as formas e com as cores permite às crianças desenvolver novos modos de expressar o seu mundo interior, de representar a sua percepção da realidade, e de descobrir novas formas de sentir, cheirar e de visualizar. Esta descoberta também permite às crianças o desenvolvimento da destreza manual, bem como no reconhecimento de volumes, superfícies e texturas.

As artes visuais são uma fonte de aprendizagem que proporciona às crianças aprendizagens variadas, que se tornam indispensáveis para poderem expressar os seus pontos de vista, pensamentos ao mundo que as rodeias.

“As Artes Visuais são formas de expressão artística que incluem a pintura, o desenho, a escultura, a arquitetura, a gravura, a fotografia e outras, que, sendo fundamentalmente captadas pela visão, podem envolver outros sentidos.” (Ministério de Educação, 2016, p. 49)

Como referido nas OCEPE, as crianças devem contactar com diversos materiais sejam eles lápis de cor, guaches, carvão, vários tipos de papéis, pastas de modelar, até mesmo a objetos reutilizáveis, como latas, tecidos embalagens de leite ou elementos da natureza. Estas também devem explorar a cor, a textura, a dimensão dos projetos que realizam. Estes projetos podem variar entre diversas técnicas, como o desenho, a pintura, a modelagem, colagens, entre outros.

As crianças ao serem expostas a uma variedade técnicas de criação de atividades de artes visuais, beneficiaram não só ao desenvolver o sentido estético e noção de “belo” e a criatividade, como também estarão a desenvolver todas as outras áreas de conteúdos, dado que vão adquirir novo vocabulário, desenvolver a motricidade fina, a noção de espaço e a autonomia de trabalho. Os autores Papalia, Olds, & Feldman (2001) confirmam que o desenvolvimento de competências motoras finas como o desenhar, o pintar, o cortar entre outras ajudam a que criança também contraia maior responsabilidade sobre si próprio.

Através da pintura, a criança tem possibilidade de representar uma imagem gráfica por meio de formas e cores. A finalidade da pintura é tripla: representativa, expressiva e decorativa. Com esta prática a criança dá início ao conhecimento de uma série de novas

técnicas dentro do domínio das artes plásticas. Para a criança, pintar é colorir uma superfície com cor, sendo este o elemento diferenciador entre o desenho e a pintura.

Tal como o desenho, a pintura permite o domínio do gesto manual e do espaço gráfico, não obstante a exigência numa coordenação precisa, bem como o contacto com uma gama mais ampla de materiais e a utilização de procedimentos muito diversos porque pintar exige disponibilidade e liberdade à criança, permitindo-a explorar os diferentes espaços e materiais, utilizando utensílios que melhor se aplicam ao preenchimento das diferentes superfícies. Este processo ajuda a criança no seu desenvolvimento cognitivo e sensorial (Enciclopédia em Educação Infantil, 1997).

No âmbito deste projeto serão executados dois trabalhos utilizando esta técnica, sendo um a pintura em guache numa folha de papel, ou seja uma pintura unidimensional, na segunda atividade as crianças terão que realizar a pintura com guache de um objeto bidimensional e texturado.

A moldagem, é aconselhável a prática frequente de atividades de manipulação e exploração de diferentes materiais, como a moldagem, ou manipulação de materiais maleáveis, nos primeiros anos de vida da criança, uma vez que os atos de amassar, separar, esticar, alisar promove o despertar de importantes reações sensoriais, como por exemplo a libertação de tensões, de traumas, o desenvolvimento da motricidade e da criatividade. Esta forma de abordar as artes visuais deve ser uma realidade nas propostas de trabalho para ser fomentado o desenvolvimento da criança, uma vez que proporciona conhecimentos que vão além do que o desenho e a pintura dão a explorar. Dado que a modelagem introduz novas noções, como relevo, volume dos objetos, ou seja promovem a exploração dos objetos de forma tridimensional (Enciclopédia em Educação Infantil, 1997). Assim, o recurso a diferentes materiais, como por exemplo a pasta de papel e a pasta de sal propociona à criança o contacto com diferentes texturas, conscistências que irão promover, testar e evoluir as suas aptidões para realizarem na área espezifida das artes visuais.

A técnica de impressão é mais uma forma de explorar a criatividade das crianças, através do processo de estampagem, no uso de diferentes moldes – positivo e negativo – e materiais. Para tal podem ser exploradas várias atividades desde, a utilização de um

rolo com relevo, de uma placa de madeira cravada, xilogravura, ou até mesmo a aplicação de uma só cor à impressão ou uma abordagem policromática.

2.2 Educação com a Arte

Como Gombrich (2005) que diz que não se pode dizer que há algo que ralmente se “arte”, mas sim artistas, pois a arte vai mudando, umas vez, que a certa altura o homem pegava em terra colorida e com ela criava toscamente formas de animais em peles de mamíferos, aos tempos de hoje em que se pega em tintas e se pintam cartazes nas estações de metro. Ao que o autor diz que não há mal em chamar de arte estes tipos de atividades, mas que é preciso lembra que a palavra esta palavra pode siogenioficar coisas bastante diferentes tendo em conta os lugares e as épocas, ao que para ele “Arte” com letra maiúscula não existe.

A arte entra em diálogo com o universo e a forma como as crianças o percecionam, no aqui e no agora, na forma como relaciona as diferentes linguagens em que está em contacto, confluindo no modo de olhar e no modo de representar – seja pela fala, pela música, pela pintura/desenho, pela performance, etc.

As crianças têm os sentidos despertados pela curiosidade que lhes é inerente, albergando um universo de experiências que lhes são singulares e que devem ser estimuladas e incentivadas.

“O termo “arte” apresenta-se, contudo, muitíssimo problemático, na medida em que não existem critérios absolutos nem universais que permitam estabelecer uma distinção entre o que é verdadeiramente arte e o que não é.” (Moura & Cachadinha, 2007, p. 200)

Para a criança poder desfrutar do processo de criação de atividades de Artes Visuais, o educador não deve julgar a qualidade do trabalho, na medida em que, como refere Moura & Cachadinha (2007) não existe um critério universal para determinar se o produzido pela criança é arte ou não. Em Bessa (1972) também é referido que será prejudicial para o desenvolvimento da criança algo como a correção da cor num trabalho, uma vez que a criança está a expressar o seu mundo interior, o qual ao longo do tempo, da sua evolução/crescimento, será capaz de fazer essas a modificações. A autora defende que o trabalho artístico de cada criança é único, pois transmite a sua visão unipessoal,

quer esta seja expressa com uma visão realística do mundo ou uma representação do seu imaginário, como é defendido por Lowenfeld (1987, p. 7):

“For a child, art is a primarily a means of expression. No two children are alike, and, in fact, a child is not static, but is constantly growing and changing, with increasing perception, understanding, and interpretation of environment. A child is a dynamic being; art becomes a language of thought, so that art expression changes as the child grows.”

“Para uma criança a arte é primordialmente um meio de se expressar. Não há duas crianças iguais, e, de facto uma criança não é estática, mas está em constante crescimento e mudança, como o aumento da percepção, da compreensão, e da interpretação do meio que a rodeia. Uma criança é um ser dinâmico, assim a arte torna-se uma linguagem de pensamento, então a expressão artística muda à medida que a criança cresce” (tradução minha)

Como referido pelo autor a criança irá desenvolver a sua expressão artística e criativa à medida que vai crescendo. Também acrescenta que, quando o professor interfere com a criação de uma criança este potencialmente poderá criar uma situação de “stress”, o que expõem a criança a um limite superior ao seu nível de desenvolvimento. Isto poderá fazer com que esta crie inconscientemente um sentimento de falta de autoestima, pois passa a duvidar de todas as escolhas que faz. Tal é um dos grandes motivos pelos quais muitas crianças dizem que não sabem desenhar. Ainda é referido que o avaliar o trabalho criativo da criança pelo aspeto, forma, cor ou a nível estético nada tem a ver com a qualidade do trabalho mas, com a pessoa que o avalia, pois esses factores estão relacionados com opiniões pessoais que variam de pessoa para pessoa. O que no caso em questão o mais importante é o processo criativo da criança a nível do pensamento, dos sentimentos, de precessão e de envolvimento com o meio que a rodeia. A criança que crescer sem esse tipo de barreiras aos seus projetos de artes visuais terá mais oportunidades e será bem-sucedido, dado que não se sentirá inibido de expressar os seus impulsos criativos, com confiança nas suas capacidades.

“The drawing by a five year old boy not really represents his knowledge of a person. Every five year old knows that we have fingernails (...), but average child of this age ever draws fingernails.” (Lowenfeld, 1987, p. 35)

“O desenho de uma criança de cinco anos não representa, o real, conhecimento da pessoa. Todas as crianças de cinco anos sabem que temos unhas (...), mas nenhuma criança com essa idade desenha as unhas.” (tradução minha)

2.3 O Educador e as Artes Visuais

É do dever do educador promover quadros educativos que vão enriquecer e desenvolver cada criança, tais estão presentes nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério de Educação, 2016, p. 12) entre outros fundamentos e princípios do educador:

“Tem em conta as características da crianças, criando oportunidades que lhe permitem realizar todas as suas potencialidades.”

“Considerar a família e sua cultura na sua ação educativa.”

“Parte das experiencias da criança e valoriza os seus saberes como fundamento de novas aprendizagens.”

“Escuta e considera as opiniões da criança, garantindo a sua participação nas decisões relativas ao seu processo educativo.”

“Aceita e valoriza cada criança reconhecendo os seus progressos.”

“Tira partido da diversidade para enriquecer as experiências e oportunidades de aprendizagem de todas as crianças.”

“Promove o desenvolvimento de um sentido de segurança e autoestima em todas as crianças.”

“Aborda as diferentes áreas de forma globalizante e integrada.”

O educador é promotor do desenvolvimento da criança deve fazer com que os momentos de aprendizagem aconteçam de uma forma orgânica, mas sempre com a intencionalidade educativa, ao que este deve promover um ambiente rico, estimulante, organizado e bem estruturado com interligação entre si. Este também deve impulsionar um sentimento de bem-estar, segurança e oportunidade de interação com os pares e o mundo. Também nas OCEPE (Ministério de Educação, 2016) destacam que o educador deve promover um local seguro, onde as crianças se sintam bem e com vontade de lá estar, diversificado, a nível cognitivo, sensorial e motor, assim como inclusivo, acolhendo dando a conhecer e respeitar diferentes culturas, etnias, nacionalidades, deficiências e o respeito pelo próximo.

As OCEPE relembram que o educador deve providenciar planificações diversificadas, com atividades potencializem o desenvolvimento das crianças nas diversas áreas de conteúdo, com interligação entre si, utilizando diversas temáticas de forma estruturada, com a utilização de diversos recursos e com inclusão da família, tal como o meio em que estão inseridas, de forma a contribuir para a maior igualdade de oportunidades para todas as crianças. Consequentemente o educador deve ter em a

preocupação de observar, registar e documentar a o desenvolvimento de cada criança, para a cada planificação adequar as atividades as necessidades das crianças.

“Deve ficar bem claro que deixar a criança a entregue a atividade espontânea ou livre não significa dispensar o professor. Ele continua a ter a função essencial e, se não lhe cabe aqui instruir ou orientar, dêle depende fundamentalmente a existência de um clima favorável à criação e à formação de hábitos e atitudes através da atividade.” (Bessa, 1972, p. 29)

Como defende a autora a cima citada, o papel do educador é muito importante pois é ele que vai proporcionar às crianças o contacto com diferentes técnicas, formas de arte e materiais. O educador deve expor as crianças a um mundo diverso, em que ao lhe demonstrar um exemplo de algo para reproduzirem, um vaso com flores, por exemplo, como refere Reis (2003), num exercício em que as crianças tem que fazer uma cópia do vaso e das flores, no entanto, posteriormente, o educador reirá o objeto do campo de visão das crianças, dizendo que agora podem desenhar o vaso e as flores como quiserem. Nesta atividade as crianças teram a oportunidade de desenhar os objetos como quiserem, mudando a cor e a forma, podendo desta forma dar asas à criatividade. Neste momento a criança poderá desenhar flores que fazem parte do seu imaginário, assim como desenha flores que vêem no jardim onde brincam, ou mesmo desenhar o vaso igual ao que a mãe tem em casa. A autora também refere que esta atividade pode ser o ponto de partida para outras, inseridas nas áreas de Conhecimento, como na Abordagem à Ciência, ao aprenderem sobre a constituição das flores, como no Domínio da Matemática ao acriarem a noção de quantidade.

Em Reis (2003) Edward Holmes afirma que “A função do educador é encorajar o crescimento...” (p. 166) ou seja que o educador em tudo o que se propõem a transmitir às crianças tem que ter sempre como objetivo o desenvolvimento, de forma a que elas consigam estar num processo de constante evolução cognitiva.

2.4 Vantagens da Educação pela Arte

“O instinto da pintura, associado ao prazer sensorial da cor, cedo se manifesta espontaneamente na criança mais pequena, primeiro de modo confuso e descontrolado, depois mais organizado e atento à distribuição das formas e das cores na superfície do papel.” (Rodrigues, 2002, p. 40)

Como tem vindo a ser referido ao longo deste capítulo, a produção artística acompanha o desenvolvimento da criança desde muito nova, e este está em constante evolução pois vai sofrendo alterações à medida que a criança vai crescendo, experienciando novas situações e adicionando aprendizagens e conceitos ao dicionário mental. Tal também é expresso pela autora a cima referenciada, na medida que menciona que com a realização de atividades regulares as crianças e adquire capacidades de utilização de materiais, como o pincel. Na utilização do mesmo o sentido do efeito visual, estético, da criança começa a ser mais cuidado e feito com mais sensibilidade. Rodrigues (2002, p.40) também evidência que “Se há crianças que se emocionam com a cor, outras há que se concentram a desenhar, sensíveis à expressividade do traço e à definição do pormenor”, ao que o educador dever promover a utilização de materiais adequados e diversos, para que a criança se consiga expressar de forma individual.

Em Reis (2003) que refer Sir Cyril Burte, propõem estadios de desenvolvimento artistico acompanhado pelo desenvolvimento da motricidade-fina, assim como capacidades mínimas, a atingir por cada criança:

“ Entre os 2 e os 4 anos: Rabiscar – Primeiramente aparecem os traços sem objectivo. O ombro é o centro da mobilidade. Seguidamente passa a criança a traçados mais objectivos e atribui-lhe provavelmente designação, seguindo-se, então, os traços imitativos, com os dedos a substituir os movimentos do pulso.” (p. 117).

“Aos 4 anos: A linha – Segue-se as linhas aos rabiscos localizados. O contorno visual torna-se mais exigente. A figura humana tem a preferência da criança: um círculo, dois círculos e algumas linhas para os membros.” (p. 118).

“Aos 5-6 anos: Simbolismo descritivo – A figuração humana tem esquema simbólico. As características são registadas de forma convencional. Cada criança tem seu esquema e mantem-se fiel a ele.” (p. 118).

Como referido pela autora, a cima citada, a educação que privilegia o ensino com apoio nas artes, estará a proporcionar á criança não só desenvolvimento da criatividade, mas, sim um desenvolvimento completo intelectual e a nível da motricidade-fina essencial para a criança.

“(…) a educação na arte estimula o desenvolvimento cognitivo e pode tornar aquilo que os educandos aprendem e a forma como aprendem, mais relevante face às necessidades das sociedades modernas em que vivem” (Comissão Nacional da Unesco, 2006, p. 5)

Como referido em Unesco (2006) a educação pela arte preparará as crianças para vida adulta e em sociedade, o que fará com que estas venham a ser cidadãos capazes de

apreciar Arte, sem preconceitos, uma vez que teve a oportunidade de crescer sendo estimulado a olhar para as coisas além da aparência inicial de um objeto ou situação.

Como tem sido expresso a educação pela Arte premeia-se pelo desenvolvimento da imaginação, da criatividade e do modo de olhar e de interagir com o mundo. As várias formas de expressão presentes na educação pela Arte permitem à criança um modo sempre renovado de criar, de reproduzir e de desenvolver o sentido estético e crítico. Em arte não existem fronteiras de linguagem. Existe sim novas formas de expressão e de sentir. O educador proporciona às crianças um ensino igualitário, ou seja todos devem partir do mesmo ponto de desenvolvimento, para possam evoluir a partir da mesma situação. Nesta área está implícito o controlo da motricidade fina, desenvolvido em grande parte na expressão motora, mas que nesta área é desenvolvida com auxílio de instrumentos específicos assim como com metodologias próprias.

“A criatividade é uma capacidade humana, uma capacidade cognitiva que lhe permite pensar de modo antecipatório, imaginar, inventar, evocar, prever, projetar e que sucede internamente, a nível mental, de modo mais ou menos consciente e voluntário.” (Sousa, 2003)

Neste processo de descoberta da educação pela Arte um das capacidades que mas é referida como ser primordialmente desenvolvida é a criatividade. Desde os autores referirem que a natureza da criança é criativa desde pequeninos, que está em contante evolução durante o seu crescimento e que as situações que lhe são dadas a conhecer e a experienciar faram com que a criança seja capaz de se expressar criativamente, de forma autónoma, com motivação e independente.

Capítulo III - Metodologia adotada

3. Seleção da Metodologia de Investigação

A metodologia a ser utilizada neste projeto é a investigação-ação, na qual se pode confrontar os aspetos teóricos, apresentados através da bibliografia selecionada, com a concretização destes em atividades práticas.

O método de investigação a ser abordado relaciona-se com a inovação, renovação, mudança e aperfeiçoamento, que levam à transformação e introdução de algo novo.

De acordo com o pensamento expresso por Pacheco (1995), inovação significará renovação (criativo, inventivo e tornar novo), assim reforma significará reconstituição (modificar, restaurar e corrigir) e quanto ao aperfeiçoamento significará (reformular e aperfeiçoar). Todos estes conceitos sobrepõem-se e quando são aplicados à reorganização, podem e devem ser combinados, para a minha investigação achei que seria mais produtiva e adaptada a utilização de um método qualitativo, uma vez que permite que um avaliador selecione questões com mais profundidade e pormenor, tal como referiu Patton (1980), além disso permite ao investigador a recolha de fatos *in loco* e estudar a relação entre várias séries de factos Bell (1993). No caso da investigação quantitativa permite ao investigador testar um número limitado de hipóteses a um extenso número de amostras/crianças, ou realizar estudos experimentais de parte representativa e consequente de um grande controlo, o que permite uma maior facilidade na comparação de dados e na criação de um banco de dados sobre o assunto (Serrano, 1994)

3.1 Investigação Ação – Características, Vantagens e Desvantagens

O método utilizado foi o de investigação ação, uma vez que permite uma interação constante entre o sujeito e os objetos de estudo, a recolha de dados serem realizadas no local da ação, possibilitando, dessa forma, a resolução de problemas *in loco*, conforme a evolução da investigação.

Este método qualitativo foi considerado o mais apropriado dado centrar-se na resolução de problemas educativos diagnosticados em contextos específicos.

A investigação-ação foi formalmente reconhecida como um método científico, na década de 40, nos Estados Unidos da América. De acordo com Hodgkinson (*in* Cohen & Manion, 1990) tal coincide com o aparecimento do movimento progressivo em sala de aula com crescente interesse na interação e trabalhos de grupo e nesse sentido, a “investigação-ação é um produto lógico de uma situação educativa ‘progressiva’. Tendo mostrado às crianças como trabalhar juntas para solucionarem os seus problemas, o passo seguinte seria a adoção de métodos que tinham sido ensinado às crianças, por parte dos professores, e a aprenderem a resolver os seus próprios problemas cooperativamente.”.

A investigação-ação assume várias formas, por um lado leva o professor/educador a utilizar uma nova abordagem de estudos numa só sala de aula e, por outro lado, a um estudo em larga escala a nível de toda a indústria escolar, sendo realizada por uma equipa financiada pelo governo. Independentemente da situação, os princípios do método permanecem os mesmos, na medida em que, por sua vez, a investigação-ação implica o acréscimo de conhecimentos que leva ao desenvolvimento de um *know-how*.

Para Bogdan & Bikllen (1994) estes conhecimentos são uma perspetiva que as pessoas adquirem em relação aos objetos para orientar, corrigir e avaliar atividades, decisões e ações, assim como para Corey (1953).

Robson (1993) explica que este método envolve vários ciclos que estão relacionados a nível planificação, atuação, observação e reflexão.

Tendo como base autores como Cohen & Manion (1986), Elliot (1990), Serrano (1994), entre outros, adotei as finalidades da investigação-ação em educação, consoante os seguintes pontos:

- I. Identificação problemas avaliados em situações concretas ou melhorar até um determinado ponto, tendo em conta o ritmo e as capacidades do grupo;
- II. Adaptação de novos problemas durante a evolução do trabalho do grupo.

Para evitar o enviesamento do estudo, serão utilizados vários instrumentos de recolha de dado, bem como a análise e reflexão do estudo, pelos diferentes elementos da

equipa de investigação, tais como o par de estágio, educadora cooperante, orientador do estudo.

Uma das principais vantagens deste método é o ser um procedimento contínuo, desenvolvido de forma a abordar um problema concreto numa situação imediata, o que faz com que seja um processo gradual durante vários períodos de tempo, usando diversos instrumentos, proporcionando uma reflexão mais pormenorizada sobre a ação. Outra grande vantagem é o facto de não exercer uma grande pressão no grupo durante o processo de investigação, o que permite envolver todo o grupo em detrimento de uma situação isolada. Assim, ao proporcionar uma grande flexibilidade e adaptabilidade, permite mudanças durante o período de implementação, o que é muito vantajoso para um desempenho mais eficaz e adequado do público-alvo.

Este método de investigação-ação pode por defeito, para alguns investigadores como Cohen & Manion (1986), ser referido como sofrer de alguma falta de rigor científico, no entanto a planificação atenta e cuidada, a atenção no explicar e na realização das atividades, por parte do educador serão capazes de o combater. Também há a considerar que este método de investigação-ação possa, mais uma vez, demonstrar falta de rigor, uma vez que para a educação não vai apresentar uma resolução de problemas em grande escala, mas, sim, adaptada ao grupo de estudo. Contudo, tendo em conta o contexto sociocultural do grupo, localização geográfica, a faixa etária e o desenvolvimento cognitivo, o educador/investigador deve considerar estes critérios, nas propostas de trabalhos que faz ao grupo, o que pode fazer com que a investigação seja rigorosa como quando utilizado em qualquer outro método de investigação. Desta forma investigação-ação é a preferível, porque permite uma abordagem subjetiva para a resolução de problemas concretos ao grupo alvo da investigação.

O Jardim de Infância que participou neste projeto situa-se no distrito de Viana do Castelo, no conselho da Meadela. O estudo foi realizado numa das salas de crianças com idades compreendidas entre os 4 e 5 anos, sendo que 13 eram do sexo feminino e 12 do sexo masculino, ou seja, no total de 25 crianças. Neste grupo uma das crianças está assinalada como NEE. É um grupo muito interessante para trabalhar dado que são

crianças bastante participativas, curiosas e empenhadas nas tarefas que lhes são propostas.

A investigação insere-se na área da expressão plástica, uma vez que está contemplada nas áreas de estudos das crianças. Estas demonstravam algum desagrado pela área, no entanto, prevê-se que com o decorrer do projeto, desenvolvam gosto e curiosidade em aprender novas técnicas.

As educadoras cooperantes demonstraram interesse pelo estudo, estando sempre atentas e curiosas por ver os resultados das atividades a serem realizadas, assim como, também com *feedback* sobre as atividades propostas e com as mais-valias para o desenvolvimento das crianças.

3.2 Instrumentos de Recolha de Dados

Os procedimentos escolhidos para abordar o método de investigação-ação, são os que melhor possibilitam as capacidades de compreensão na construção e implementação da prática curricular, para uma melhor prática educativa. Dado que o mundo está em constante mudança é necessário adaptar a resolução dos problemas ao contexto e aos indivíduos.

Este método de investigação permite um planeamento em ciclos de observação, reflexão e avaliação como declarado por Elliot (1990), o que para o investigador é muito vantajoso, por um lado pode modificar e melhorar a sua prática educativa, e por outro permite um planeamento flexível o que possibilita fazer alterações e acréscimos de componentes que não foram previstas no início da investigação.

Neste projeto de investigação foram utilizados quatro tipos de processos de recolha de dados para garantir a fiabilidade do estudo. Os métodos utilizados foram a observação direta, o registo fotográfico, um questionário final, (realizado de forma oral), assim como as notas de campo, para as quais as educadoras cooperantes, assim como o par pedagógico, contribuíram ativamente.

3.2.1 Observação

Durante todo o processo de implementação das atividades de investigação será realizada uma observação participante, na qual a investigadora, com auxílio do par pedagógico e das educadoras cooperantes, registavam de forma objetiva as expressões, os comentários, a execução das atividades, o produto final das mesmas, assim como a interação com o grupo, no entanto sem influenciar, o pensamento e a forma de agir do grupo, para a apurar os resultados mais “reais” possíveis.

Para Bell (1995) este método ajuda a perceber características que dificilmente seriam notadas utilizando outras técnicas. Esta observação será participativa, uma vez que é apontada por Cohen & Manion (1990) como adequada a uma recolha de dados subjetiva, de fatores comportamentais e de ações não-verbais.

Bell (1995) aponta que este tipo de interpretação é bastante subjetivo, uma vez que cada investigador irá focar um “objeto” específico e interpretá-lo segundo a sua perspectiva e embora deva seguir uma ordem de observação, para evitar que o processo se torne moroso. Apesar da subjetividade de interpretação das reações observadas, a investigadora terá a oportunidade de “discutir” o que for observado com as educadoras cooperantes assim como com o par pedagógico, o que proporcionará comparação e um aprimorar de conclusões mais concretas.

3.2.2 Registo Fotográfico

Este meio foi utilizado como complemento à observação, uma vez que se trata de um elemento real, a partir do qual se pode ter uma visão da organização da sala, dos materiais utilizados e dos trabalhos das crianças. Assim como permite à investigadora ter um suporte digital de todos os trabalhos realizados para posteriormente poderem ser revistos.

Durante o decorrer da investigação, o levantamento fotográfico foi realizado de forma natural, dado ser um procedimento com o qual as crianças já tinham experiências anteriores, sendo assim uma presença constante na rotina diária do grupo (Bogdan & Bikllen, 1994).

3.2.3 Questionário

Após a realização de todas as atividades será realizado com o grupo um pequeno questionário, de forma oral, para apurar alguns resultados sobre a investigação. Para Gil (2006) e Coutinho (2008) esta ferramenta permite obter informações, recolher sensações, expectativas e opiniões no grupo da investigação. Também, para Bogdan & Bikllen (1994), esta forma de obtenção de dados recai muito sobre quem a elabora, podendo influenciar o comportamento dos inquiridos. No entanto, mais uma vez a investigadora conta com o apoio do par pedagógico para comparar notas, sobre a forma como o grupo reagirá às perguntas, o que fará, mais uma vez, com que as conclusões apuradas sejam as mais imparciais possíveis, desta forma mais concentradas nas opiniões das crianças.

No entanto para Robson (1993) citado por Moura (2003) afirma que este é um método de recolha de dados muito eficientes no que refere a tempo e esforço.

3.2.4 Registo Diário / Notas de Campo

Segundo Bogdan & Bikllen (1994) para que a investigação de teor qualitativo seja bem sucedida é necessário que seja feita uma observação objetiva e que o investigador registre sistematicamente, para que os dados sejam os mais objetivos possíveis.

Durante todo o processo da investigação, o registo diário fará parte do quotidiano da investigadora para poder recolher narrativas das crianças do grupo, expressões verbais e não verbais, reações, reflexões sobre o ocorrido na sessão, o que também irá rever com o par pedagógico e com o orientador do projeto.

3.3 Plano de ação

Esta investigação decorrerá entre três ciclos diferentes, de acordo com a metodologia de Elliot (1993) que será representada num plano de ação, uma vez que dá ênfase à inter-relação entre a ação e reflexão/avaliação.

O primeiro ciclo decorrerá entre os meses de Janeiro e Março de 2012, no qual serão escolhidas as técnicas a serem abordadas, a pesquisa para a revisão da literatura, assim como a metodologia a utilizar, de forma a optar pela mais se adequada à investigação em curso, tal como serão definidas as questões de investigação. Nesta fase

também serão considerados os recursos materiais a utilizar, assim como as possíveis temáticas nas quais foram integradas as técnicas, de pintura, modelagem e impressão.

No segundo ciclo, passar-se-á à elaboração e integração das atividades de investigação nas planificações de acordo com as temáticas a serem abordadas. Esta fase ocorrerá durante uma parte da intervenção prática da investigação, compreendida entre os meses de Fevereiro e Março de 2012 para que as atividades acompanhassem a evolução das crianças, estando sempre adequadas às necessidades do grupo, tal como de encontro com a temática da semana em questão.

No terceiro ciclo serão implementadas as atividades, realizadas as observações e feita a recolha de dados nos vários formatos apresentados anteriormente, seguindo-se a análise dos mesmos e a reflexão sobre as estratégias utilizadas nas implementações.

Tabela 1 – Mapa das sessões

Semanas de intervenção	Dia da atividade	Técnica	Temática	Metodologia
19 a 21 de Março	20 de Março	Pintura	Páscoa	Pintura de uma figura tridimensional.
16 a 18 de Abril	17 de Abril	Pintura	Profissões	Pintura em papel.
16 a 18 de Abril	18 de Abril	Modelagem	Profissões	Modelagem em pasta de papel.
30 de Abril e 2 de Maio	30 de Abril	Impressão	Dia da Mãe	Monotipia.
21 a 23 de Maio	23 de Maio	Modelagem	História “ <i>A Princesinha do Jardim de Pedrar</i> ” de Daniel Marques Ferreira	Modelagem em pasta de sal.
11 a 13 de Junho	13 de Junho	Impressão	História “ <i>D. Maria a Educadora</i> ” de Ana Oom	Impressão com matriz feita a partir de um material reutilizável.

3.4 Análise de Dados

Durante o decorrer da investigação serão recolhidos dados segundo os métodos já apresentados, e analisados seguindo Bell (1997). De acordo com este autor, a análise, a interpretação e a apresentação de dados é fundamental para que não se apresentem dados em excesso, e também para não se apresentarem dados insuficientes que levem a generalizações sobre o estudo.

Os dados recolhidos serão analisados previamente, durante a recolha dos mesmos para ser possível uma reflexão e avaliação sobre as descobertas apuradas, no campo da investigação qualitativa (Bogdan & Biklen, 1994). Entretanto, após a recolha de dados, será realizada uma análise mais aprofundada. Para os autores citados a transcrição do registo diário em conjunto com os outros recursos, tem como finalidade melhorar a compreensão sobre os resultados, para poder apresentar conclusões concretas posteriormente.

A análise dos dados será realizada após redobrada leitura dos dados recolhidos, para melhor apurar resultados e para que pudesse refletir sobre quais os elementos mais relevantes para a investigação.

Para Cohen, Manion, & Morrison (2000) é necessário fazer um processo de triangulação dos dados para clarificar e encontrar coerência nos resultados finais, que será executada com a colaboração do par pedagógico, educadoras cooperantes e do orientador do projeto. Para a investigação se tornar o mais fiável possível tentou-se minimizar o mais possível a subjetividade na análise dos dados.

3.5 Questões éticas

Este projeto de investigação decorreu no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Pedagógico II, e, desta forma, todas as informações relativas ao Jardim de Infância, às educadoras cooperantes, assim como das crianças estão sobre a forma de anonimato. Quando feita a referência a uma criança, a sua identidade está protegida sendo-lhes atribuído uma sigla identificativa.

Para o registo fotográfico não foi necessário realizar um pedido especial aos encarregados de educação, dado que no início da Prática Pedagógica I foi autorizada a

recolha de fotografias, dos trabalhos realizados com as crianças e sempre foram ocultadas as características que revelassem a identidade das mesmas.

Capítulo IV - Descrição da investigação ação

1ª Atividade – Ovos da Páscoa (20/03/2012).

Objetivo – Construir e pintar a guache os ovos da Páscoa (fig. 1).

Sumário – Pintar e decorar de ovos como atividade de Páscoa com guache, que foram criados anteriormente com a técnica do balão.



Fig. 1 Atividade de Pintura - Ovo da Páscoa

Após a introdução da temática da Páscoa, as crianças tiveram uma primeira atividade que consistiu na construção de ovos (fig. 2). Estes foram construídos utilizando balões de água que serviam de molde para os ovos, para tal as crianças tiveram que rasgar folhas de jornal, para posteriormente colarem nos balões com cola branca dissolvida em água. Para facilitar este processo os balões foram colados a copos de plástico, pela parte do nó, para o interior do copo. Este procedimento ajudou as crianças na medida em que foi criado um suporte estável para o balão, assim como, a borda do copo servia de medida máxima para os pedaços de jornal serem colados para desta forma ser criada a forma do ovo.



Fig. 2 Execução do Ovo

No dia seguinte à realização da primeira parte da atividade, deu-se início à pintura dos ovos, atividade que é objeto deste estudo. Tal foi possível porque as camadas de cola e jornal estavam completamente secas. Foram colocados à disposição das crianças pincéis, assim como pratos de plástico que continham as tintas, copos de plástico com água e papel absorvente para as crianças limparem os pincéis. Neste caso não se protegeu as mesas com plásticos, uma vez que a tinta utilizada foi o guache e é de fácil limpeza.

A atividade foi realizada por 24 crianças em grande decoração grupo. Para tal explicou-se às crianças que iriam utilizar guache para decorarem os ovos, o que, fez com que ficassem bastante entusiasmadas, o que se verificou quando diziam expressões como, “é bom pintar com os pincéis” verbalizado pelo D, “gosto de sujar os dedos com a tinta” pelo V e também pelas suas expressões faciais. Dado início à realização da atividade verificou-se que por serem muitas crianças, teriam que partilhar os pincéis, e, que quando precisassem de mudar de cor teriam que limpar o pincel, num copo com água e depois secá-lo em papel absorvente, esta tarefa revelou-se ser um pouco confusa, uma vez que, a sua grande maioria das crianças esqueciam-se de fazer este processo, o que a certa altura fez com que as cores estivessem todas misturadas. No decorrer da atividade a E e a F começaram a pintar com as mãos, quando lhes foi questionado o porquê de o estarem a fazer, disseram que assim não tinham que esperar pelos colegas, que era mais rápido e divertido. Outra situação que se verificou foi que o RE, que é uma criança com Necessidades Educativas Especiais (NEE), não estava a pegar corretamente no pincel, no entanto, quando chamado à atenção, pela forma como pegava no pincel, e lhe foi explicando a forma correta de o fazer corrigiu-o e continuou a atividade. Esta criança demonstrou ter gostado muito da atividade, dado que o manifestou verbalmente dizendo “eu gosto das tintas”, “isto é divertido”, assim como pela capacidade de concentração e empenho em a realizar, o que foi uma mudança de postura, uma vez que na maioria das atividades não costuma participar.

No decorrer deste processo observou-se que a maioria das crianças optaram por pintar o ovo de uma só cor (fig. 3), que na realidade era uma mistura de cores que faziam

com as tintas disponíveis no prato, posteriormente fizeram pintinhas ou bolinhas com as restantes cores disponíveis e que não estavam misturadas (fig. 4).



Fig. 3 Pintura do Ovo com uma só cor



Fig.4 Pintura do Ovo com várias cores

Planificação no anexo 7.

2ª Atividade - As Profissões (17/04/2012 e 18/04/2012)

Objetivo – pintar, com guache, sobre a temática das profissões (fig. 5).

Sumário – Com esta atividade foi proposto às crianças criarem um catálogo de cores, de forma a se insistir em regras de pintura e para que se apercebessem que quando juntam duas cores, ou mais, estas formam cores novas. No entanto, atividade principal foi a realização de pintura sobre a temática das profissões.



Fig. 5 Atividade de Pintura - As Profissões

Esta atividade foi dividida em duas partes, sendo uma primeira de exploração da cor e a segunda de pintura sobre a temática das profissões. Mais uma vez as crianças utilizaram guache. Os materiais fornecidos às crianças foram: um prato com quatro cores (amarelo, azul, verde e vermelho); copos próprios para lavar os pincéis, para cada três a

quatro crianças; um pincel; uma folha de papel grosso de pintura; lenços de papel para limparem os pincéis e um prato para as misturas de cores de cada criança.

Aquando do início da atividade foi explicado às crianças que elas tinham que respeitar regras, tais como:

- . Lavar e secar sempre o pincel, de cada vez que utilizavam uma cor diferente;
- . Não misturar as cores que estavam no prato;
- . Usar o prato individual para fazer as misturas que desejassem;
- . Não pintar os colegas nem as mesas.

(Os procedimentos utilizados nesta atividade foram os mesmos para as restantes atividades que envolvessem a utilização destes materiais).

Nesta primeira fase da atividade estavam presentes 23 crianças, divididas em dois grupos, uma vez, que esta foi a forma mais eficaz de realizar a tarefa, tanto para as crianças conseguirem ter um bom espaço de trabalho, assim como foi a melhor forma para poder observar os seus comportamentos durante a execução da mesma, para as poder apoiar no que precisassem. A atividade consistia em que as crianças adquirissem o conceito de cor, assim como também, fazer com que percebessem que a mistura de cores levava á criação de outras cores. O objetivo da atividade foi o de as crianças criarem uma espécie de catálogo de cores, com a finalidade de estarem representadas todas as cores que elas conseguissem encontrar, para futuramente utilizarem esse catálogo como uma espécie de guião.

A atividade iniciou-se com a explicação de cor e de que a mistura de uma cor com outra leva á criação de outras cores. Para pôr em prática o explicado, as crianças tiveram que fazer uma pinta com uma cor, deixar um espaço entre elas e fazer uma pinta de outra cor, na folha de registo. De seguida fizeram a mistura dessas duas cores, no prato individual, para em último lugar fazerem uma pinta com a cor final na folha de registo. A realização desta atividade pelas crianças não foi muito bem conseguida (fig. 6), uma vez que só algumas a conseguiram executar na totalidade. Esta primeira atividade não resultou como o previsto, uma vez que as crianças não a conseguiram realizar na íntegra. Após observar que quase nenhuma das crianças conseguia cumprir os passos, como lhes

tinha sido explicado verbalmente, como o que eles tinham que realizar na prática, fazendo exemplos, resolveu-se partir à descoberta das cores com eles. Pedindo para que um de cada vez disse-me a cor que queria utilizar, dessa forma, foram feitos os passos todos numa folha afixada no placar. Algumas das crianças conseguiram copiar o que era realizado na folha afixada, e assim reproduzir na sua folha (fig. 7), no entanto a maioria delas participava de forma verbal. Apesar das dificuldades encontradas, as crianças conseguiram compreender o objetivo da atividade, dado que a certa altura já tomavam a iniciativa de dizer as cores a utilizar, assim como tentavam prever as cores que se iriam formar. Exemplo disso eram as intervenções do D que disse *“Se o verde e o amarelo deram azul, será que o amarelo e o azul vai dar verde?”* ou os da B que estava empenhada em descobrir todas as combinações possíveis que estava sempre a comentar as cores que faltava como *“Já utilizamos o amarelo e o azul, agora e o amarelo e o vermelho.”*. Um dos grandes objetivos desta atividade também era a aquisição de regras, o que foi visivelmente alcançado, pois eram as crianças que estavam sempre a lembrar que tinha que passar o pincel na água e depois o limpar no lenço de papel.



Fig. 6 Trabalho 1 - Catálogo de “criação” de cores 1

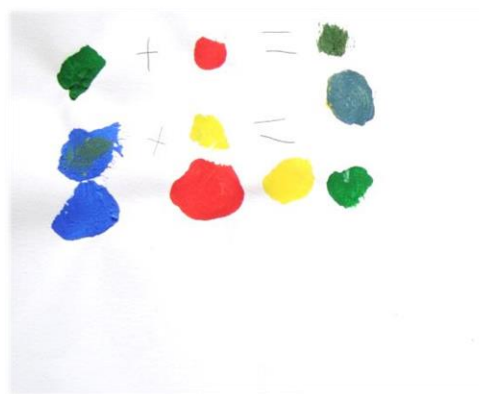


Fig. 7 Trabalho 2 - Catálogo de “criação” de cores 2

A segunda parte desta atividade consistia em as crianças terem que fazer uma pintura sobre as profissões que gostariam de ter um dia. A sua execução teve que ser realizada no dia seguinte à da primeira parte, por questões de tempo. Desta forma nesta atividade estiveram presente 23 crianças, e a organização do grupo foi a mesma do dia anterior, na qual as crianças tinham à sua disposição os mesmos materiais e regras.

Foi pedido às crianças que fizessem um desenho que ilustrasse a profissão que escolheram. Das 23 crianças presentes houve uma que não realizou a tarefa, criança a qual esta assinalada como NEE. O motivo dado pela criança para não a fazer foi a de já ter utilizado os pincéis e os guaches no dia anterior, *“Já fiz isso, hoje não quero brincar com as tintas.”*. Por muitas tentativas feitas, por mim e pela psicóloga, que estava a acompanhar a criança no processo de avaliação a nível das necessidades educativas especiais, esta nunca acedeu aos incentivos para a realização da atividade. A ferir-se também duas crianças que não fizeram as suas pinturas consoante as indicações dadas a quando da explicação da atividade, sendo elas o V que não respeitou a temática, porque não queria, dessa forma fez uma mistura de cores, quando questionado sobre o que aquilo era, ele respondeu que era a sua mistura de novas cores, ou seja executou a atividade realizada anteriormente (fig. 8). Assim como a MD que demorou bastante tempo para começar a fazer a pintura e que quando acabou e se lhe pediu para falar sobre o que a sua pintura representava, na profissão de bailarina ela limitou-se a olhar e não respondeu ao pedido (fig. 9).



Fig. 8 Pintura da criança V



Fig. 9 Pintura da criança MD

Na sua maioria as crianças fizeram as suas pinturas com entusiasmo e empenho, quando lhes questionado o que representava a sua pintura eles respondiam de forma clara, com exemplos como o G que disse apontando para a sua pintura *“Este sou eu a chutar a bola quando for jogador de futebol.”* (fig. 10), assim como a M que disse *“Pintei os materiais que os médicos usam para curar os doentinhos.”* (fig.11). No decorrer de

toda esta atividade foi observado, mais uma vez, que as crianças gostam todas de trabalhar com este tipo de material, no entanto ainda demonstram dificuldades no que diz respeito a seguir as regras, principalmente em não misturar as cores todas de uma só vez.



Fig. 10 Pintura da criança G



Fig. 11 Pintura da criança M

Planificação no anexo 8.

3ª Atividade - As Profissões (22 crianças) (18/04/2012)

Objetivo – Realizar pasta de papel e criar figuras sobre a temática das profissões (fig. 12).

Sumário – esta atividade consistiu na realização de pasta de papel, utilizando caixas de ovos, para posteriormente as crianças comporem figuras associadas à temática das profissões e à profissão que gostariam de ter um dia.



Fig. 12 Atividade de Modelagem - As Profissões

Esta atividade consistiu na execução de pasta de papel e posteriormente na realização de “figuras” associadas as profissões que as crianças escolheram. Para a realização da atividade dividiram-se as crianças em dois grupos, uma vez que, assim todas as crianças tinham a oportunidade de poder explorar os materiais de uma forma mais individualizada. As duas mesas de trabalho estavam forradas com papel “Celnorte”, nelas

estavam disponíveis uma bacia, por mesa, um cartão de ovos para cada criança, assim como cola branca e água, e, uma varinha mágica, que foi única e exclusivamente utilizada pela educadora estagiária. A execução da atividade iniciou-se com as crianças a rasgarem os cartões em pedaços pequenos (fig.13). Posteriormente as crianças colocaram os pedaços de cartão nas respectivas bacias, e de seguida, colocou-se água e cola branca nas bacias. Depois, as crianças tiveram a oportunidade de mexer no preparado, para amassar e amolecer o cartão, assim como de explorar a textura da pasta (fig. 14). A elaboração da pasta foi realizada na parte da manhã, na qual o comentário mais realizado pelas crianças era de que a pasta lhes parecia lama, uma vez que, esta apresentava uma cor acastanhas e tinha um cheiro parecido (o cartão humedecido). Todas as crianças demonstraram muito entusiasmo no manuseamento da pasta. Nesta fase de decomposição do cartão, e após todas as crianças terem contactado como o material, finalizou-se a pasta com a varinha mágica explicando-lhes o que estava a acontecer.

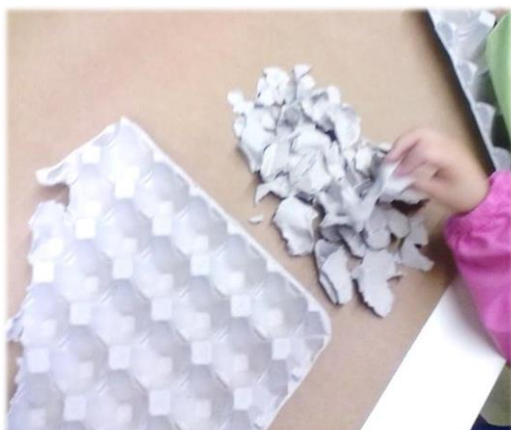


Fig. 13 Corte do cartão



Fig. 14 Amassar da pasta de papel

Na parte da tarde as crianças deram início à criação das suas peças relacionadas com as profissões que escolheram. Muitas crianças tiveram dificuldade em criar objetos tridimensionais, uma vez que, utilizaram a pasta como se fosse uma placa e iam criando os seus objetos em volta dela em volta dela, o que fez com que as suas criações ficassem coladas ao papel “Celnorte” (fig. 15). No entanto uma percentagem minoritária conseguiu fazer objetos tridimensionais (fig. 16), respeitando a temática, assim como na exploração da matéria utilizada. A utilização deste material para a proteção das mesas revelou ter

sido uma boa opção uma vez que na sua maioria, as peças das crianças acabaram por lá ficar coladas. Foi visível que a maior parte das crianças estava com dificuldade de manusear a pasta de papel, pois esta tinha uma textura e consistência a que as crianças não estavam habituadas. Antes de começarem propriamente a fazer os objetos relacionados com o tema da atividade, foi dado tempo para que as crianças pudessem explorar a pasta livremente. Todas a crianças estavam visivelmente contentes por poderem estar a manusear a pasta de papel.



Fig. 15 Trabalho 3 - Peça bidimensional 1



Fig. 16 Trabalho 4 - Peça tridimensional 1

Nota: Na realização desta atividade é preciso ter em atenção a consistência da pasta uma vez que ela absorve muita água e para ser trabalhada é preciso que esteja com uma firmeza consistente para que não se desfaça, e para que não ganhe bolores, pode-se acrescentar umas gotas de vinagre.

Planificação no anexo 9.

4ª Atividade - Prenda do Dia da Mãe (30/04/2012)

Objetivo – decorar a prenda do Dia da Mãe (fig. 17).

Sumário – nesta atividade as crianças tiveram que utilizar a técnica da monotipia para decorar moldes de caixas, que depois de montadas foram para oferecer como prenda do Dia da Mãe.



Fig. 17 Atividade de Impressão (monotipia) - Prenda do Dia da

Esta atividade consistiu na criação de umas caixas de cartolina, as quais as crianças tiveram que decorar. Para tal foi utilizada a técnica da monotipia. Para esta técnica foram necessários os moldes das caixas, tintas guache, pincéis, panos e uma superfície de vidro. No caso em questão foi utilizada uma moldura, por questões de segurança (fig. 18).



Fig. 18 Materiais a utilizados impressão - monotipia

Aquando da realização da atividade foi explicado às crianças que iriam ter que decorar umas caixas de cartolina, que seriam para oferecer às mães. Em primeiro lugar foi explicado que iriam utilizar guaches mas de uma forma diferente, que teriam que pintar o vidro com as cores que quisessem, para de seguida desenharem com os dedos para fazer desenho que quisessem para a mãe (fig. 19), posteriormente tiveram que colocar o molde por cima da matriz, o desenho realizado no vidro (fig.20). Para que as crianças não tivessem dúvidas realizou-se um exemplar e voltou-se a explicar todo o processo envolvente.



Fig. 19 Pintura da matriz 1



Fig. 20 Criação da matriz

A atividade foi realizada uma criança de cada vez com auxílio: tal decisão foi tomada para que se as crianças demonstrassem qualquer tipo de dúvida, se pudesse auxiliar e conseguir ter uma melhor percepção do que achavam da atividade. Durante o decorrer da atividade, e, enquanto aguardavam pela sua vez, as restantes crianças estiveram a decorar uns postais, para oferecerem às mães, esta metodologia foi adotada para que estivessem sempre a trabalhar e não ficassem impacientes durante o tempo de espera, para tal foi muito importante o auxílio do par pedagógico.

De forma geral, as crianças logo desde o início da atividade demonstraram grande entusiasmo, pela realização da mesma, uma vez que queriam ser todas a primeira, que perguntavam várias vezes quando era a sua vez e acima de tudo, porque aquando da execução da mesma diziam muitas vezes que era “- giro pintar no quadro” expresso pelo T e “- desenhar com os dedos era muito fixe” pela M. Também demonstravam muito entusiasmo e cuidado ao colocarem o molde em cima da matriz para que todo o seu desenho ficasse no papel. Por fim ao verem o resultado final no molde ficavam muito contentes e perguntavam se achava que estava bonito e se as mães iam gostar. No decorrer da atividade muitos diziam que era bonito e que as mães iam ficar contentes e que iam gostar muito. Houve casos em que crianças como o G, o D e o A, que disseram no executar da sua atividade, que a parte mais divertida era o estarem a desenhar como os dedos, porque estavam a sujar as mãos. No entanto, houve uma criança, a JL, que quando chamada para realizar a sua atividade disse que não queria fazer porque não se queria sujar. Para que a criança perdesse o receio de se sujar chamou-se o irmão a realizar a

atividade, a fim de que ela visse que não fazia mal sujar as mãos. Durante este processo o irmão comentava com ela que era divertido e dizia-lhe muitas vezes que a tinta saía com a água. Após ter visto como o irmão fez, a JL decidiu que também queria fazer. Enquanto realizava a atividade disse por várias vezes que afinal era divertido e que não fazia mal sujar as mãos.

No decorrer da atividade foi interessante observar que as crianças demonstravam todas uma preocupação estética com o processo de escolha das cores assim como na forma como as desenhavam no quadro em listas optando por pintarem todas na vertical ou na horizontal. No final de cada criança realizar a impressão da sua pintura no molde todas perguntavam se podiam fazer mais porque era muito giro ver a sua marca no papel (figuras 21 e 22).



Fig. 21 Trabalho 5 – Monotipia 1



Fig. 22 Trabalho 6 – Monotipia 2

Planificação no anexo 10.

5ª Atividade - As Flores da Princesinha (23/05/2012)

Objetivo – Criar objetos tridimensionais relacionados com as flores do jardim da princesinha (fig. 23).

Sumário – Com esta atividade foi proposto às crianças moldarem flores, utilizando pasta de sal. (Para tal foi-lhes colocado à disponibilidade porções da pasta assim como farinha para quando a pasta se torna demasiado pegajosa.)



Fig. 23 Atividade de Modelagem - As Flores da Princesinha

Para esta atividade a preparação da pasta de sal não foi realizada na sala, uma vez que o tempo existente para a realização da atividade não era suficiente para tal. No entanto foi explicado às crianças todo o processo da preparação da pasta, que para a fazerem precisavam de ingredientes tais como água, farinha, sal, vinagre e uma bacia para misturar todos os ingredientes.

Aquando da entrada das crianças na sala estava, no meio da mesma, numa mesa um tabuleiro com diversas bolinhas da pasta, ao se depararem com tais elementos as crianças perguntaram se iriam fazer pão e podiam comer da pasta. Tendo em conta as perguntas das crianças foi-lhes explicado que aquelas bolinhas eram pasta de sal, que tinha ingredientes que eram os mesmos do pão, mas que não era para comerem. No entanto uma das vantagens desta pasta é o de ser comestível e em caso de alguma criança a ingerir não lhe faria mal nenhum.

Depois de ter sido explicado às crianças que com aquela pasta teriam de fazer flores, que seriam as do jardim da história “*A Princesinha do Jardim de Pedrar*” de Daniel Marques Ferreira, foi dada a cada criança uma porção do preparado, assim como um pouco de farinha para ser espalhada na mesa para que a massa não colasse. As crianças antes de começarem a fazer as flores tiveram a oportunidade de explorar a massa. Na sua maioria as crianças começaram por esmagar a pasta por entre as mãos, tendo desta forma a oportunidade sentir a pasta e ver a sua consistência. Uma coisa que muitas das

crianças fizeram foi o cheirar a massa e de reafirmar que cheirava a pão. Com o manusear da pasta começaram a se aperceber que se tornava um pouco pegajosa às mãos, para tal começaram a acrescentar a farinha e a ver a pasta a voltar a descolar-se dos dedos e da mesa, com esta descoberta alguma crianças entusiasmaram-se e juntaram toda a farinha que tinham à disponibilidade, o que fez com que a certa altura a os pedaços de pasta que separaram não os conseguissem “colar” aos outros, ao que começavam a chamar e a perguntar o porquê de aquilo acontecer. Desta forma tive que explicar que a massa tinha que ter alguma humidade, que lhe era dada pela água e que ao eles juntarem muita farinha ela “consumia” a humidade existente e era por isso que a pasta já não colava, para solucionar o problema, com a minha supervisão, eles pegavam num pincel com água e deixavam cair alguma gotinhas para voltarem a consegui trabalhar com a massa. No decorrer da atividade um grupo de crianças que estava na mesa do centro estava a comentar que aquilo era como plasticina e que também podiam fazer os bonecos que fazem com a plasticina. Com o entusiasmos que estavam a ter a fazer as flores as algumas das crianças começaram a tirar massa umas das outras, ao qual foi preciso entrevir e dizer que quando tivessem as flores feitas, lhes daria mais massa para fazerem o que quisessem.

Com o prosseguir da atividade uma das técnicas foi a de uma das crianças decidir dividir a massa em diversas bolinhas e posteriormente juntou-as de forma a fazer uma flor, para tal colocava uma bolinha que era o centro e colocou as outras à volta e depois com os dedos amassava-as e juntava-as umas às outras de forma a se colarem (fig. 24). Foi interessante ver que as crianças começaram por fazer peças bidimensionais (fig. 25), mas à medida que iam explorando a pasta fizeram muito mais peças tridimensionais ao invés do que foi observável na primeira atividade de modelagem.



Fig. 24 Trabalho 7 - Peça tridimensional 2



Fig.25 Trabalho 8 - Peça bidimensional 2

Planificação no anexo 11.

6ª Atividade – Rainha D. Maria II (13/06/2012)

Objetivo – Criar uma matriz para uma impressão (fig. 26).

Sumário – Esta atividade consistia em as crianças desenharem em placas, reaproveitadas de pacotes de leite, para posteriormente, as pintarem com tintas guache e de seguida colocar uma folha de papel para fazerem a impressão do desenho criado na matriz.

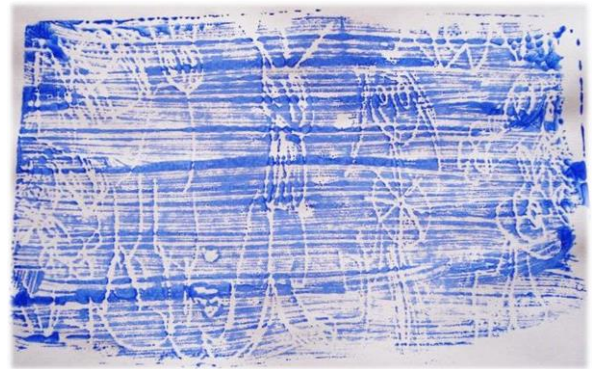


Fig. 26 Atividade de Impressão - Rainha D. Maria II

Esta atividade foi realizada como registo da história da “D. Maria a Educadora” de Ana Oom. Para tal foi fornecido a cada criança uma placa de catão, criada a partir de pacotes de leite, um lápis para cada uma, para poder fazer o seu desenho, assim como uma folha branca.

A introdução da atividade iniciou-se após a leitura da história, realizada no dia anterior, assim como à atividade de modelagem – “As Flores da Princesinha”, com a explicação às crianças de que naquele dia iriam utilizar uma técnica diferente, à previamente utilizada, assim como utilizariam um material que elas estariam a reutilizar e o qual já tinham reutilizado uma vez de forma diferente. (Esta pequena referencia à

reutilização de materiais deveu-se ao facto de ser uma temática já abordada e a qual as crianças demonstravam bastante interesse.) Quando lhes foi revelado que eram os pacotes de leite todos se mostraram muito contentes e entusiasmados, referindo o que tinham produzido anteriormente com os pacotes de leite e querem saber o que iram fazer desta vez, dado que não tinham o pacote inteiro para trabalhar.

Após ter sido dado às crianças tempo para observarem os materiais com que iram trabalhar e terem sido ouvidas as suas opiniões sobre o que poderiam fazer com eles. De seguida, procedeu-se à explicação da atividade, que consistia em que elas desenhassem fazendo força, na parte metálica do pacote de leite, para que o seu desenho ficasse marcado naquela matriz, fazendo referência a que o desenho fosse relacionado com a história que escutaram. No decorrer deste processo as crianças diziam que era “- giro” ver como ficava o desenho, pois eles o conseguiam tocar e sentir a forma/relevo.

Após todas as crianças terem terminado o desenho foi-lhes explicado que uma a uma com a minha ajuda, que foi unicamente diretiva e para se tivessem alguma dúvida, elas iriam pintar com o guache de cor azul o desenho (fig. 27) que fizeram para que depois carimbassem o desenho na folha (fig. 28). As crianças no decorrer deste processo diziam que iam fazer a sua marca na folha, elas estavam visivelmente entusiasmadas com todos os procedimentos da atividade e demonstravam muita impaciência e curiosidade para ver o resultado final.

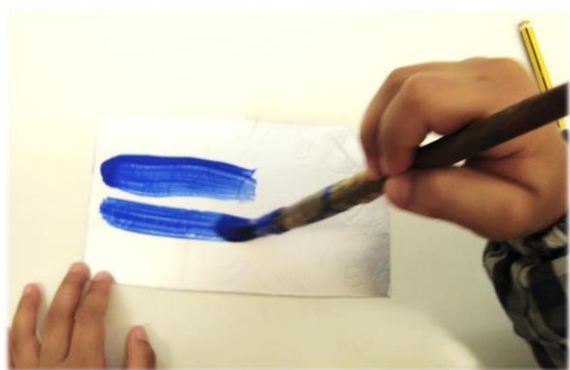


Fig. 27 Pintura da matriz 2

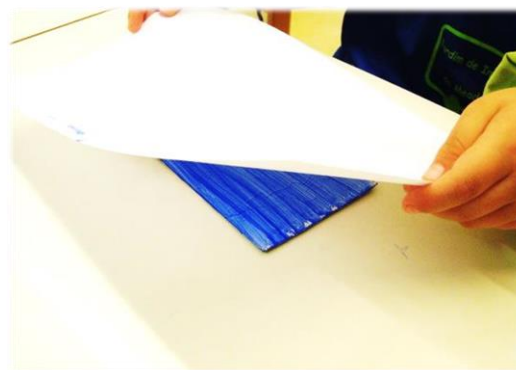


Fig.28 Execução da impressão

No decorrer de toda a atividade algumas crianças fizeram comentários apreciativos sobre o que estavam a fazer, tais como a F que referiu que “- é divertido utilizar os pacotes de leite para desenhar”, o V disse “- gosto de ver a minha marca”, o A verbalizou “- gosto de ver a tinta no meu desenho, fica giro”. O RE, criança identificada como NEE, demonstrou-se muito interessado na realização da atividade, uma vez que aceitou imediatamente a fazer a atividade, sem ser preciso incentivo extra, como também perguntou se estava a fazer bem e se era bonito. Na fase da pintura e impressão da matriz demonstrou curiosidade em ver o resultado final e o que acontecera à matriz ao ser pintada (figuras 29 e 30).



Fig. 29 Trabalho 9 - Impressão 1



Fig. 30 Trabalho 10 - Impressão 2

Planificação no anexo 12.

Capítulo V - Análise e Interpretação de Dados

Na preparação das atividades realizadas no decorrer do projeto, tive sempre como o cuidado de fazer com que estas fossem diversificadas para poder observar as reações das crianças, assim como, também, foi uma forma de verificar a evolução dos comportamentos em relação ao domínio das artes visuais.

Na concepção das atividades procurei ter atenção a todas as suas características, uma vez, que pretendia que estas fossem motivadoras para as crianças, que lhes proporcionassem novas aprendizagens, conhecimento de novas técnicas, assim como, que também fossem ao encontro das temáticas abordadas. A meu ver tal foi conseguido, dado que as crianças demonstraram sempre ânimo e motivação para as atividades, assim como, foi possível observar o desenvolvimento da criatividade. Tal foi constatável uma vez, que quando lhes era explicado que iriam realizar uma atividade de artes visuais, já não evidenciavam desânimo, falta de interesse, como era observado inicialmente. Desta forma as crianças começaram a ter mais iniciativa e autonomia na realização das atividades, algo que não era evidente inicialmente.

Durante a implementação das atividades constatei que apesar de todos os pormenores envolventes à concepção das mesmas fossem tidas em consideração e cuidado, houve situações em que nem sempre as decisões de execução foram as melhores, tal aconteceu com as atividades de pintura, em que foi necessário a utilização de guaches. Na primeira atividade, observei que os recipientes existentes para colocar as tintas não davam para que todas as crianças tivessem acesso a eles, assim como, os pincéis existentes serem em número reduzido. Na seguinte atividade tive o cuidado de contemplar essa situação, para tal, pus à disposição das crianças mais pincéis e recipientes com tintas, desta forma as crianças já conseguiram executar as atividades de uma forma mais autónoma e sem problemas.

Um dos fatores que inicialmente tornaram a primeira atividade, em que as tintas guache e os pincéis foram utilizadas, um tanto ao quanto, tumultuosa, deu-se pelo facto de as crianças demonstrarem ter dificuldade em cumprir regras e de não conseguirem utilizar os materiais de forma adequada. Para solucionar esta situação numa atividade

seguinte introduzi regras básicas a serem utilizadas nas atividades que evoluíram a técnica da pintura. Com esta implementação foi possível observar que as crianças, as conseguiram respeitar e executar, a atividade, sem grande dificuldade, assim com, o até os seus comportamentos melhoraram, uma vez que, já não discutiam umas com as outras por causa dos materiais e não ficavam frustradas por não terem que esperar pela sua vez de utilizar os recursos materiais, existente, tal deu-se, porque as regras serem simples e fáceis de ser cumpridas. No entanto se hoje voltasse a realizar o projeto mudaria alguma das estratégias, uma vez que acho que iria facilitar a forma de trabalho das crianças. Faria mudanças tais como, não utilizaria a regra de as crianças terem de limpar os pincéis em água e depois no papel para poderem mudar de cor, optaria por manter um ou dois pincéis fixos por cor e desta forma as crianças poderiam simplesmente utilizar aquele pincel para uma única cor e depois pegar em outra para outra cor.

O facto de utilizar duas atividades diferentes para cada uma das técnicas, pintura, impressão e modelagem, a meu ver foi uma mais-valia, uma vez, que as crianças puderam aprender e ver que não existe só uma forma de executar cada técnica, assim como, foi bom para poderem aperfeiçoar e adquirir diferentes conceitos, através delas. Tal, foi possível observar, uma vez que, de uma atividade para a outra as crianças corrigiam “erros” cometidos anteriormente, como por exemplo na modelagem, a quando da primeira atividade foram poucas as crianças que conseguiram realizar peças tridimensionais, ao que na segunda atividade, já o executaram. Isto também aconteceu com a atividade da pintura, dado que o grupo demonstrava dificuldade em conseguir respeitar as regras de utilização dos guaches, ao que, na segunda atividade já as conseguiram respeitar e utilizar o material de uma forma mais correta. Na implementação da técnica da impressão as crianças começaram a ter uma noção mais específica de que estavam a criar uma réplica do desenho por elas criado. Também é necessário frisar, que como cada técnica foi executada duas vezes, houve uma progressão do grau de dificuldade dos trabalhos. Esse aumento gradual na dificuldade das técnicas permitiu manter os índices motivacionais das crianças para as tarefas, dado que a cada sessão da mesma técnica foram implementadas novas formas de as realizar.

O ter optado por fazer diferentes atividades fez com que as crianças demonstrassem sempre interesse pelo que estavam a realizar, e assim, tinham a oportunidade de aprender novas técnicas.

Consegui observar que as crianças demonstram maior motivação para as atividades, uma vez, que estas foram utilizadas de forma diversificada, ao invés de as tornar rotineiras. Tal, foi completamente comprovado na medida em que as crianças iam adquirindo conceitos diversos, que começaram a fazer parte do seu conhecimento geral e que passaram a utilizar no seu dia-a-dia. Durante a planificação das atividades tive o cuidado de procurar temáticas de relevante importância para o desenvolvimento das crianças, assim como, ir de encontro com temáticas previstas no PCT. Uma das temáticas que, na minha opinião mais contribuíram para o desenvolvimento das crianças em todos os âmbitos foram a das profissões, assim como a temática da reutilização de materiais, sendo esta, recorrente no decorrer das sessões com as crianças.

No decorrer das atividades, foi visível o interesse e motivação das crianças no decorrer destas atividades. Tal, foi confirmado pelo feedback dado pelas educadoras cooperantes, também foi observado na atitudes das crianças durante o processo de realização das mesmas, assim como, posteriormente no diálogo das crianças. Este, foi outro fator que demonstrou que as crianças estavam a gostar do que faziam, o facto de em casa comentarem com os pais, que gostavam das atividades e que queriam repeti-las com eles, estes conversavam comigo, com o meu par pedagógico e com as educadoras cooperantes sobre o quanto as crianças estavam a gostar de trabalhar com novos materiais.

A criança com NEE foi ganhando gradualmente interesse pelas atividades exploradas ao realizá-las sem serem precisos estímulos extras para a sua execução. Com o ajuste das atividades ao nível de desenvolvimento da referida criança permitia a realização das tarefas propostas com relativa facilidade, isto favorecia o comportamento desta criança, que muitas vezes era passivo na realização das atividades desenvolvidas. Passou a ser ativo/participativo na realização dos trabalhos que lhe eram propostos, assim como, até chegando a tecer comentários sobre os mesmos. Isto também se deveu

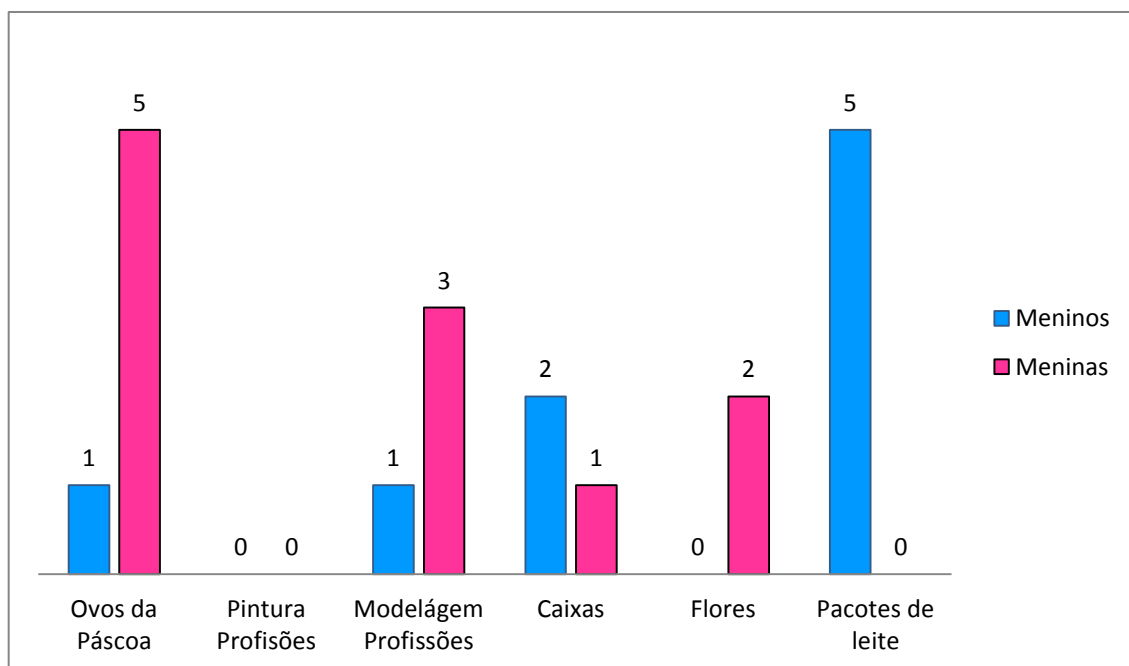
ao facto de as atividades serem alvo de planificações adequadas e ajustadas ao nível de desenvolvimento e capacidades do grupo.

A utilização de vocabulário específico também, foi um dos itens a que dei importância, dado que é importante para a formação e evolução das crianças, o expandir do vocabulário, como também, o compreender o contexto onde o aplicar, ou seja, assim as crianças foram expostas a um processo educativo objetivo e multidisciplinar. Umadas ocasiões em que se verificou esta aprendizagem de conceitos foi na atividade da impressão, em que inicialmente as crianças diziam que estavam a fazer a sua marca, ao qual expliquei que estavam a fazer era uma impressão, ou seja que estavam a transferir um desenho/imagem de uma superfície para outra. Após esta explicação as crianças já se corrigiam umas às outras, assim como, conseguiam associar o termo ao contexto adequado.

No decorrer das atividades foi visível o desenvolvimento da criatividade, uma vez, que inicialmente as crianças faziam os trabalhos de forma muito abstrata, colocando dúvidas, sobre o que deveriam de fazer, se o que criavam estava certo e sempre com hesitação. O que, com o decorrer das sessões comecei a verificar que já não solicitavam tanto apoio ao nível do processo criativo, não perguntavam se a sua ideia era boa, faziam os trabalhos de forma mais autónoma expressando a sua criatividade livremente, sem medo de “errarem”.

Após a realização de todas as atividades propostas efetuei um pequeno questionário ao grupo de estágio, a quando da última semana de estágio, na qual estiveram presentes 21 crianças. Neste questionário fiz quatro questões de forma a apurar a opinião do grupo sobre as suas preferências, em relação às atividades realizadas, ao tentar perceber se as crianças realmente gostaram de experienciar novas e diferentes técnicas de artes plásticas.

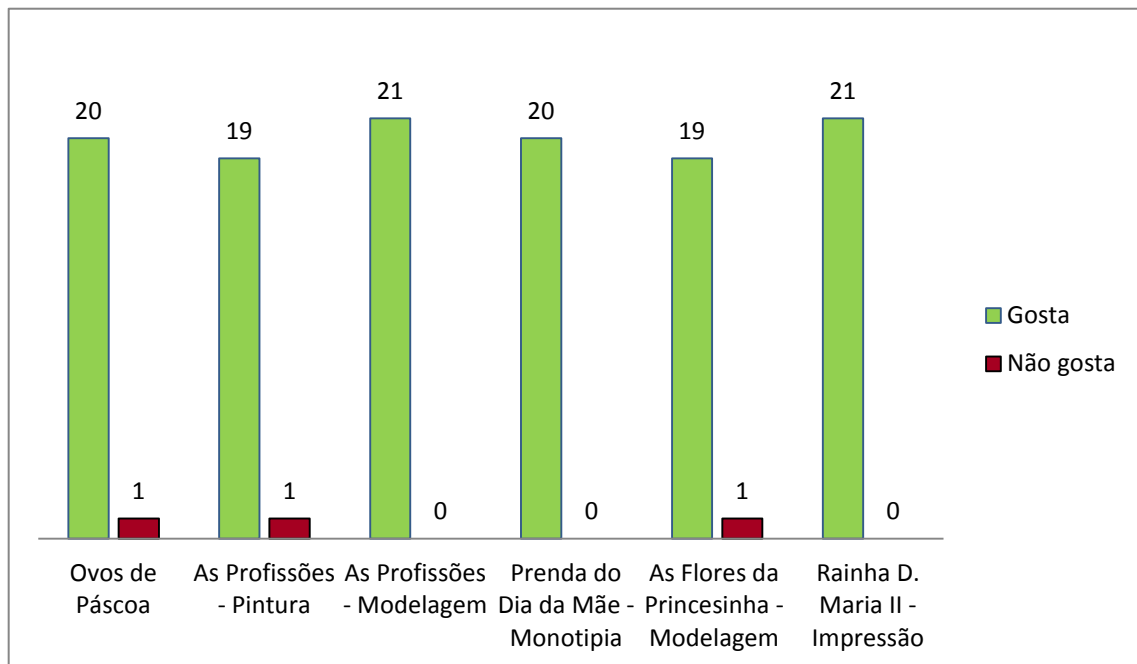
Gráfico 1 - Qual a técnica que mais gostaram de realizar?



Podemos verificar no gráfico 1 que as atividades mais apreciadas pelas crianças foram a pintura dos ovos de páscoa, com a preferência de seis crianças, seguida pela atividade da impressão utilizando os pacotes de leite, eleita por cinco meninos, tendo a terceira sido a modelagem das profissões, utilizando pasta de papel, do agrado de quatro. Em quarta e quinta opção ficaram a as caixas do dia da mãe com três crianças e a modelagem de flores, utilizando pasta de sal, com duas meninas.

A atividade de pintura sobre as profissões não fez parte das atividades favoritas de nenhuma das crianças, um dos motivos para este resultado foi o facto de nesta semana terem sido realizadas duas atividades que envolveram a utilização dos mesmos materiais. Em que no primeiro dia da semana, utilizaram os pincéis e os guaches para a exploração das cores e criação de cores secundárias, no dia seguinte, a atividade de pintura das profissões, o que levou a que algumas crianças perdessem o interesse pela atividade em questão. Um outro motivo de desinteresse, foi a realização de outra atividade, no terceiro dia consecutivo, a produção de pasta de papel e criação de peças com a mesma, tendo esta feito parte da preferência de quatro crianças (um menino e três menina).

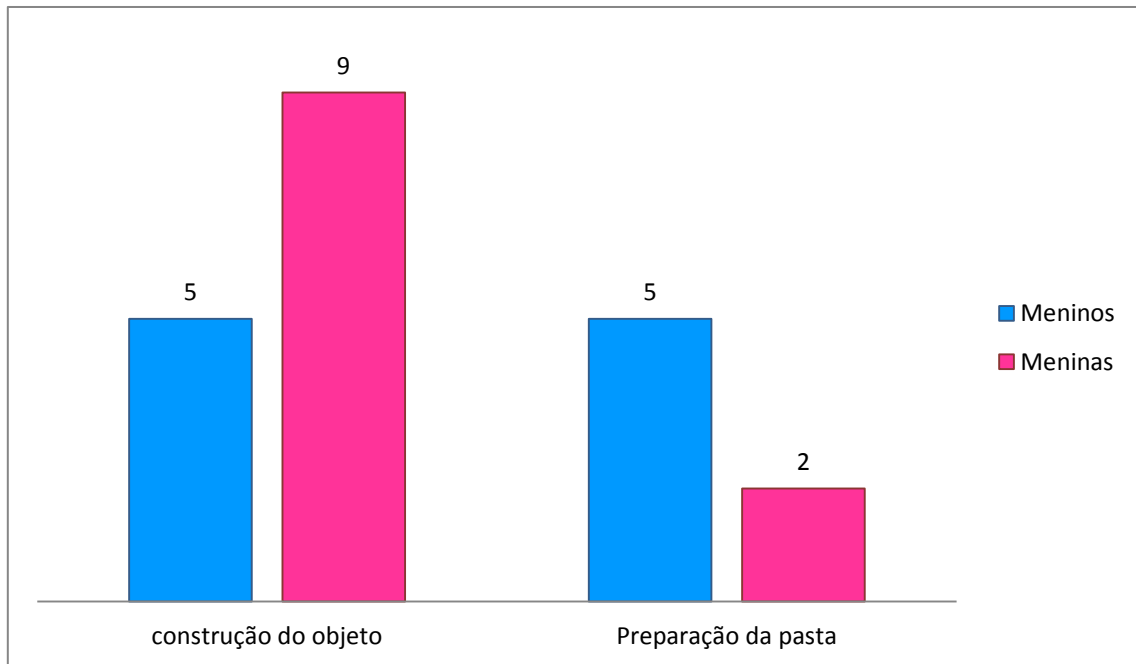
Gráfico 2 – Preferência nas técnicas utilizadas



Analisando o gráfico 2, constata-se que o balanço das atividades é muito positivo, tendo três das atividades a aprovação de todas as crianças e as outras três restantes tem só uma criança, cada, a desgostar da atividade. A justificativa de desgosto á atividades da pintura dos ovos de páscoa, dada pela criança, foi de autocrítica, tendo a esta dito que o seu ovo “tinha muito azul” e que preferia que tivesse cor-de-rosa. No caso da criança, que não gostou de fazer a atividade de pintura sobre a temática das profissões foi porque “fazer as pintinhas no ovo foi mais giro ”, a criança em questão tinha demonstrado alguma dificuldade em iniciar a atividade, assim como, demorou muito a finaliza-la, não tendo mesmo pintado muito. Na atividade de modelagem das flores com pasta de sal, a criança disse que não gostou de fazer as flores, porque “fazer flores é coisa para meninas...” justificando assim o seu desgosto.

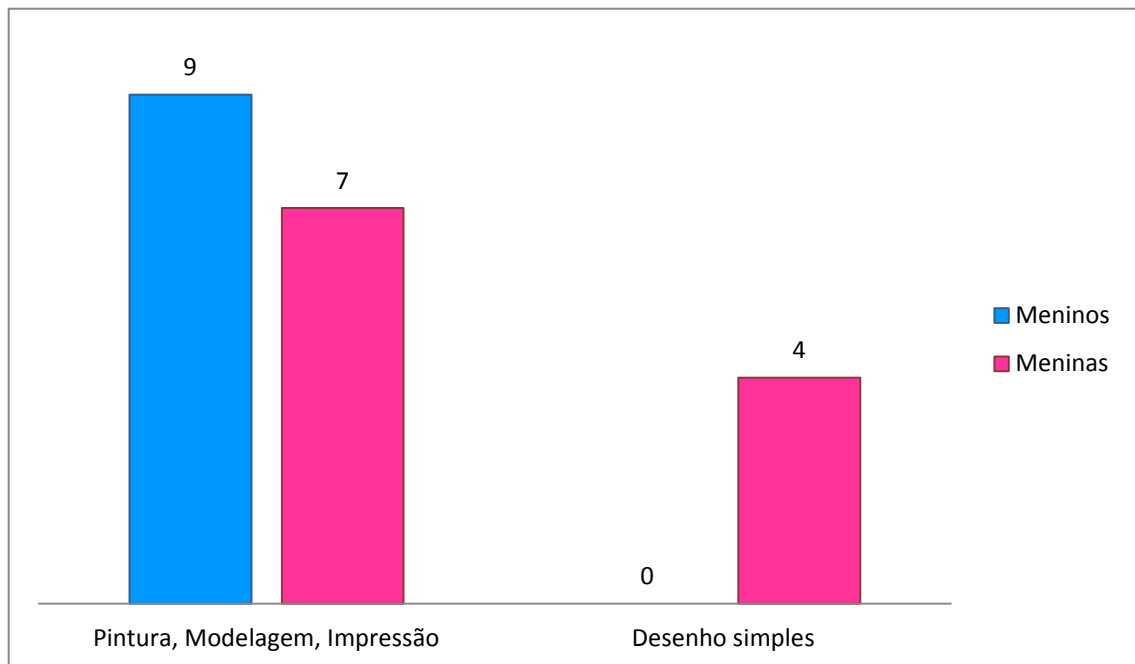
Durante a discussão sobre as atividades utilizadas a crianças demonstraram ter gostado muito das técnicas utilizadas, assim como referindo vocabulário adquirido aquando a implementação das mesmas, tal como conseguiram explicar autonomamente o que tiveram que fazer para chegarem ao resultado final de cada trabalho.

Gráfico 3 – Preparação da pasta de papel VS construção do objeto



Segundo o gráfico 3, consta-se que a maioria das crianças preferiram criar as suas peças do que a fazerem a pasta, todas a crianças comentaram que foi muito divertido poderem rasgar o papel e misturarem tudo com as mãos, no entanto, a maioria disse que era melhor mexer na pasta e poder fazer coisas com elas, que ela ficava “junta” e dava par fazer bonecos. As sete crianças que disseram que preferiam fazer a pasta, justificaram-se dizendo que gostaram de ficar a misturar o cartão, a água e a cola branca, a amassar tudo entre as mãos e ver a pasta a cair por entre os dedos, assim como o cartão aficar cada vez mais desfeito e amassado. Esta também foi uma das atividades que as crianças disseram que gostavam de repetir, e que, também queriam fazer em casa com os pais.

Gráfico 4 – Técnicas exploradas VS desenho simples



Aquando da exposição desta pergunta foi interessante ver a reação do grupo, sendo que a maioria disse logo que era do seu agrado fazer as diversas atividades que por mim propostas, que tinha sido divertido e que gostavam de fazer mais atividades diferentes e menos desenhos. No entanto, como se pode observar no gráfico 4, quatro meninas disserem que preferiam fazer desenhos em vez das outras técnicas exploradas, uma das meninas disse que gostava muito de fazer desenho e utilizar lápis, que "o que eu gosto mesmo é de desenhar", tal foi observado diariamente, sempre que a criança tinha oportunidade de escolher a área do desenho e quando lhes era dado tempo "livre" ia logo pegar numa folha e na sua caixa dos lápis de cor. As outras três meninas foram influenciadas umas pelas outras, tendo uma levantado primeiro o braço a dizer que gostava mais de desenhar, as outra duas meninas levantaram o braço logo em seguida, quando lhe foi pedido para explicarem o porque olhavam umas para as outras e diziam "porque sim".

Foi muito positivo constatar que as crianças apreciaram e demonstram motivação pela área da expressão plástica.

Capítulo VI - Conclusões e implicações educativas

O presente estudo teve início com o diagnóstico de uma problemática que foi considerada pertinente para ser abordada. Foi traçada uma questão de investigação e as respetivas finalidades relacionados com a área da educação artística. Assim, tendo em linha de conta o problema de investigação que se relaciona com o facto de as crianças demonstrarem falta de motivação para as atividades práticas das artes visuais, derivada da falta de diversificação de técnicas para a elaboração de criações artísticas, recorreremos a três técnicas diferentes, a pintura, a modelagem e a impressão. Estas técnicas foram realizadas com abordagem de diversas temáticas, com diversos materiais e metodologias de aplicação prática, nas diferentes atividades desenvolvidas. Com a metodologia de investigação-ação que dá ênfase à resolução de problemas, à melhoria das práticas educativas e ao caráter qualitativo da mesma foram traçadas estratégias essenciais para o estudo. Para uma perceção correta das atividades realizadas, foi descrito como cada atividade decorreu, tendo por base as observações efetuadas, a descrição das situações de aprendizagem e comentários das crianças que ocorreram no durante o estudo, bem como as emoções e as aptidões demonstradas com a realização das atividades que foram essenciais para as conclusões que serão apresentadas seguidamente.

Quando um grupo de crianças realiza atividades variadas, como as propostas neste estudo, tendo em conta o desenvolvimento dos respetivos destinatários, vão potenciar os índices motivacionais para a realização das diferentes tarefas solicitadas. Assim, através da associação de um produto com recurso a uma técnica, as crianças ficam mais consciencializadas do processo criativo, o que lhes permite trabalhar conceitos de uma forma mais apelativa favorecendo o sentido de resolução de problemas.

Quando aplicamos diferentes técnicas de artes visuais com uma intencionalidade pedagógica os resultados são mais significativos e com mais sentido para as crianças. Assim sendo, a referida intencionalidade facilita o processo educativo e potencia o desenvolvimento integral da criança, ao mesmo tempo que desenvolve o seu sentido crítico sem cair na banalização do recurso das técnicas aplicadas. Contudo, o recurso a técnicas de acesso mais facilitado e de uso mais frequente, como o desenho, não devem ser banalizadas ao serem utilizadas apenas como um meio de registo.

“Porque o acesso mais fácil, o desenho é por vezes o mais frequente. Não se pode, porém, esquecer que o desenho é uma forma de expressão plástica que não pode ser banalizada, servindo apenas para ocupar o tempo.” (Ministério de Educação, 2001, p. 61).

As técnicas não devem ser realizadas uma só vez, mas sim, devem ser utilizadas de forma recorrente, com o recurso a outros materiais, tendo em conta as temáticas em que se inserem, formuladas em planificações bem estruturadas, à faixa etária, adequadas ao desenvolvimento das crianças do grupo, assim como tendo em conta as habilidades que as crianças já adquiriram. Muito importante é fazer com que estas atividades façam parte de aprendizagem contínua, em que a criança, não só adquira conceitos técnicos e vocabulário específico, mas que os conseguia inserir no seu discurso diário.

O uso de vocabulário específico associado a cada uma das técnicas vai ajudar a criança a alargar o seu campo lexical, como, a nova terminologia em contexto próprio, tal como, aconteceu na atividade da impressão com os pacotes de leite, em que as crianças inicialmente diziam que estavam a fazer “marcas”. No entanto, quando explicado que estavam a fazer impressões, e o seu significado, começaram a corrigir o seu discurso, permitindo um desenvolvimento harmonioso das crianças com a aquisição dos conceitos associados o que lhes favorece a assimilação e utilização em novas situações.

“A identificação de cores, a mistura de cores básicas para formar outras, são aspetos da expressão plástica que se ligam com a Linguagem e o Conhecimento do Mundo.” (Ministério de Educação, 2001, p. 63)

Os materiais a utilizar, na realização de atividades de artes visuais precisam de estar em bom estado, uma vez que este fator vai condicionar o desempenho das crianças durante a realização das tarefas. Aquando da realização da primeira atividade de pintura, deparei-me que na sala não haviam pincéis para todas as crianças, esta situação tornou-se um fator que condicionou a forma como as crianças desempenharam a atividade, assim como, os guaches não estarem em recipientes próprios. Estes dois fatores proporcionaram a que as crianças não respeitassem regras de uso dos materiais, como criou alguma confusão, levando a que a maior parte dos grupos misturassem as cores todas e que criou a necessidade de colocar novos guaches nas mesas. No caso dos pincéis estes deveriam de ter sido em mais quantidade, de forma a pelo menos haver um por criança e todos da mesma categoria. O material utilizado, também é muito importante para que as crianças desenvolvam o sentido crítico, tanto a nível do trabalho que

realizam, como com o material que utilizam, este facto foi comprovado porque algumas crianças fizeram observações relacionadas como não querem utilizar certo pincel por ser muito fino, ou grosso e não fica a pintura como desejavam, um dos casos foi a ER que disse “Não quero este, não pinta nada. Quero aquele, tem mais que este (cerdas).” Esta atividade serviu de aprendizagem, uma vez que quando voltaram a ser utilizados estes materiais, tive em atenção de procurar mais pincéis, de que estes fossem o mais parecido possível, assim com, de ter uma estratégia definida e materiais para que as crianças pudessem ter melhor acesso aos guaches disponíveis. Antes de realizar a atividade tive o cuidado de relembrar as regras de uso destes materiais, assim como relembrar o conceito de cor e de como fazer novas cores.

“...uma organização cuidada do espaço, um ambiente cuidado e são enriquecidas pela diversidade e qualidade dos materiais utilizados.” (Ministério de Educação, 2001, p. 62)

O desenvolvimento da criatividade é um dos fatores essenciais para a realização deste projeto, dado ser essencial para o desenvolvimento da criança. Inicialmente a grande parte das crianças tinham muita dificuldade em iniciar as atividades, como em definir uma ideia do que executar. Ao que, com o decorrer das atividades já não pediam por tantas ideias, assim como não pediam opinião, sobre o que criavam, de forma a procurarem por uma avaliação positiva, tinham mais confiança nas suas ideias. Um exemplo do referido é a atividade da pasta de sal, na qual as crianças tinham que fazer as flores, uma das crianças, a JS, quando lhe perguntei como iria fazer as flores expôs: “Vou fazer rolinhos pequeninos para as pétalas, uma bolinha para o meio e um rolinho grande para a parte verde.”

O que também veio comprovar o envolvimento e aproveitamento das crianças foi os pais terem partilhado opiniões, referindo comentários proferidos pelas crianças em casa, com também o pedirem para lhes dar diretrizes de como poderiam fazer com os filhos, as atividades em casa, assim como a os comentários referidos meu par pedagógico e as educadoras cooperantes sobre as atividades.

Este projeto foi muito importante para a minha formação pessoal, uma vez que fez com que me tornasse mais atenta a toda a envolvente necessária para a criação de planificações, adaptadas e cuidadas para cada grupo de crianças, as suas necessidades individuais, assim como ser capaz de articular as áreas de conteúdos umas com as outras.

Uma situação que está inerente a toda evolução profissional é o não esquecer que estou em constante aprendizagem, que o que sei hoje, que nunca será o suficiente para o meu futuro profissional, uma vez que o mundo está em constante mudança, o que significa que as crianças de hoje não serão iguais às de amanhã, dado que o contexto em que vivem não será o mesmo. Ao que me leva a concluir que para poder ser uma boa profissional tenho que conhecer muito bem as crianças com quem trabalho, dado que só assim poderei dar resposta às suas necessidades formativas, como no seu crescimento, como seres ativos de uma sociedade em mudança.

PARTE III

Reflexão de PES II

Durante o ano letivo de 2011/2012 teve lugar a Área Curricular de Prática de Ensino Supervisionado II, na qual eu estive em estágio curricular num Jardim de Infância no concelho de Viana do Castelo. Durante este período tive a oportunidade de trabalhar com um par pedagógico, assim como duas educadoras cooperantes e a auxiliar da sala onde fui inserida, tal como 25 crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 5 anos.

Desde o primeiro dia a educadora cooperante responsável pela sala fez questão de expressar que estava disposta a cooperar e a ajudar em tudo o que fosse necessário para as sessões a serem realizadas.

Inicialmente foi um pouco complicado ter a noção de como organizar as atividades de cada semana, uma vez que as sessões que tive a oportunidade de observar, previamente, foram realizadas em dias de diferente semanas, e com temáticas muito específicas a certas alturas do ano, assim como, visitas de estudo. O que apesar de ser a educadora cooperante a dizer o tema, que queria que fosse abordado a cada semana, todo o processo de criação das planificações era feito por mim, desde a escolha da história a ler, as atividades a explorar inerentes á temática da semana, assim como, a definir que área de conteúdo iria abordar e em que ordem o iria fazer. Esta tarefa foi muito complicada e por vezes um pouco frustrante, porque não sabia se o que estava a fazer estava completamente correto, mas ao mesmo tempo fez com que eu puxasse mais por mim para fazer o melhor que sabia e podia para as crianças por quem estava responsável.

A nível de organização do tempo que tinha com as crianças, também achei que foi complicado conseguir trabalhar todas as áreas conteúdo durante os três dias de estágio semanal, tal foi complicado pois, principalmente, nas primeiras semanas tentava fazer com que não deixasse nenhuma área por explorar o que fazia com que as atividades tivessem que ser realizadas de forma muito “rápida” para que a planificação fosse toda comprida. Com o decorrer do tempo eu e o meu par pedagógico, que alternávamos as semanas de intervenção uma com a outra, começávamos a nos organizar de forma, a que

na semana seguinte, as áreas que não fossem tão trabalhadas anteriormente tivessem mais ênfase na posterior.

Um dos fatores muito importantes para o sucesso de PES II é o facto de trabalhar com um par pedagógico, uma vez que, este é um grande apoio, muitas das atividades que eu tive a oportunidade de fazer para o projeto de investigação não teriam acontecido sem o seu auxílio, pois enquanto eu estava a ajudar uma criança ela estaria a ver o que as outras estavam a fazer ou se tinham alguma dificuldade e dir-me-ia para ver o que outra criança precisava, assim como, me ajudou a tirar notas sobre o que acontecia nas sessões. Tal como, era muito interessante a troca de ideias que tínhamos para mutuamente podermos melhorar, as nossas planificações, a forma de trabalharmos na sala, mudando por vezes as crianças de lugares, assim como mudarmos a configuração das mesas, como também discutirmos táticas para melhorarmos o comportamento das crianças e aperfeiçoarmos estratégias de ensino.

Desde o início que o relacionamento estabelecido com as crianças foi muito bom, no entanto isso não significou que a quando das primeiras semanas de intervenção as crianças não tentassem testar a minha autoridade, que ao início levou um pouco de tempo conseguir gerir as questões, mas nada que com dedicação, com a criação de relacionamentos com as crianças e com o eu a indo conhecendo melhor, assim como elas a mim, essas questões passaram a ser pontuais. Com as primeiras semanas de intervenções uma das situações que me deixavam um tanto ao quanto preocupada era o ficar insegura, sem a certeza de que as estratégias que eu estava a utilizar para transmitir conhecimentos ao grupo eram as mais adequadas. Essa preocupação acaba por nunca passar, porque como educadora fico sempre com a preocupação de fazer o melhor para as crianças, no entanto com o evoluir das semanas era visível que as crianças estavam a adquirir os conhecimentos que eu transmitia, uma vez que eles empregavam vocabulário e habilidades adquiridas em sessões passadas.

Durante este período foi bastante importante e desafiante o ter tido a oportunidade de trabalhar com uma criança NEE, assim como, ter participado no processo de integração e reconhecimento dessas necessidades. O trabalhar com esta criança foi bastante desafiador e construtivo para mim, uma vez que, tinha de ter uma

atenção mais pormenorizada na construção das atividades, para que esta criança as conseguisse realizar. Foi muito satisfatório observar as pequenas conquistas alcançadas com ela no dia-a-dia, assim como observar a evolução geral da criança desde o primeiro ao último dia de estágio. A oportunidade de trabalho com esta criança e com as outras fez como que tivesse, ainda mais, consciência de que cada criança é diferente e que eu como educadora tenho que me adaptar as suas necessidades, para que elas consigam alcançar todas as aprendizagens, que eu me propus a transmitir.

Na Prática de Ensino Supervisionado II, foi muito importante o ter tido a oportunidade de ver as cooperantes a interagir e a trabalhar com as crianças. Neste período uma das alturas mais difíceis, ao mesmo tempo que gratificante e que contribuiu para a minha formação e evolução como futura educadora foi quando a educadora cooperante responsável pelo grupo esteve de baixa durante dois meses. Ao que durante o primeiro mês eu e o meu par pedagógico estivéssemos sozinhas, dado que só no mês seguinte é que foi contratada outra educadora. As primeiras duas semanas em que estivemos sem apoio de uma educadora cooperante foram complicadas ao nível de comportamento das crianças, uma vez, que durante os dias em que não estávamos em estágio, as crianças não faziam as rotinas diárias e passavam os dias a brincar no recreio ou a ver filmes sobre cuidado da auxiliar da sala. O que quando nós voltávamos no início da semana seguinte as crianças não queriam fazer o que lhes era proposto e cumprir regras e rotinas, no entanto como já havia uma relação com as crianças pouco a pouco conseguiu-se que elas percebessem que quando nós lá estávamos elas tinham que nos respeitar e fazer o que dizíamos. Para mim este mês foi o mais desafiador, mas também foi o mais gratificante pois consegui ver o quanto as crianças evoluíram e como a relação que eu criei com elas permitiu que elas me demonstrassem que estavam a gostar do que faziam, assim como o respeito que tinham por mim como figura com autoridade. Pessoalmente foi compensador conseguir criar atividades interessantes e produtivas, assim como, ultrapassar as dificuldades apresentadas diariamente. Este período foi fundamental para a minha experiência profissional.

A oportunidade de trabalhar com duas educadoras cooperante foi uma experiência muito enriquecedora, uma vez que, pode contactar com duas formas

diferentes de trabalho, com diferentes formas de abordar problemáticas, de organizar a sala, as áreas e as crianças. Toda esta experiência foi uma mais-valia, pois deu-me a oportunidade de refletir e aprender diversas estratégias e metodologias para o meu futuro profissional.

Se hoje em dia eu tivesse que refazer PES II, gostaria ter mais tempo para realizar cada atividade com as crianças, para lhes poder dar mais contexto sobre as temáticas, para que elas pudessem experimentar e ver coisas novas, assim como, também teria a oportunidade de acompanhar de forma mais individualizada cada criança para ter a certeza que cada uma delas adquiria o maior número de informações possíveis. Uma das coisas que certamente faria diferente era um calendário com as temáticas a abordar com a educadora cooperante, assim como, passeios e visitas que as crianças teriam agendas para o ano, dado que assim teria a oportunidade de fazer melhores e mais completas planificações, o que não aconteceu durante PES II, visto que muitas vezes o tema era dado a conhecer com pouco tempo para ser trabalhado para a redação e criação de planificações. Hoje em dia seria capaz de produzir melhores planificações, dado que já tenho mais experiência, assim como, tenho o conhecimento de novos meios de pesquisa, como também melhorei as minhas capacidades a nível tecnológico para a criação de recursos para as crianças.

Na minha opinião, a unidade de Prática de Ensino Supervisionada II foi muito importante, dado que, foi neste percurso que consegui por em prática as aprendizagens capturadas no decorrer deste ciclo de estudos. Todo este percurso facultou-me conhecimentos muito valiosos, deu-me uma visão realística do que é estar numa sala com um grupo de crianças pelo qual eu sou a responsável de transmitir, estimular a aprendizagem.

Bibliografia

- Bell, J. (1993). *Doing your research project*. Milton Keynes: Open University Press.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um rojecto de nvestigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bessa, M. (1972). *Artes plásticas entre as crianças 3ª edição, livraria José Olympio Editora, rio de janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.
- Bogdan, R., & Bikllen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação - Uma introdução à teoria dos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Cohen, L., & Manion, L. (1986). *Research methods in education*. London: Croom Helm.
- Cohen, L., & Manion, L. (1990). *Métodos de investigacion educativa*. Madrid: Editorial La Muralla, S.A.
- Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2000). *Research methods in education*. London: Routledge Falmer.
- Comissão Nacional da Unesco. (2006). *Roteiro para a Educação Artística. - Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI*. Lisboa: Comissão Nacional da Unesco.
- Corey, M. S. (1953). '*Modelos de organización sobre organizaciones educativas*', paper presented at IV Seminar modelo de investigación educativa. Santiago de Compostela: Universidade de Compostela.
- Coutinho, C. (2008). *Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas*. Braga: Universidade do Minho.
- Elliot, J. (1990). Milton Keynes: Open University Press.
- Elliot, J. (1993). *El cambio educativo desde la investigación-acción*. Madrid: Morata.
- Enciclopédia em Educação Infantil. (1997). *Enciclopédia em Educação Infantil: Recursos para o desenvolvimento do currículo escolar* (Vol. V). Rio de mouro: Nova Presença, Lda.
- Gil, A. (2006). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Editora.
- Gombrich, E. H. (2005). *A História da Arte*. Publico.
- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (1997). *Educar a Criança*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lowenfeld, V. (1987). *Creative and Mental Growth* (Eight Edition ed.). New York: Macmillan Publishing Company.
- Ministério de Educação. (2001). *Orientações Curriculares para o Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação. Retrieved from Ministério da Educação.

- Ministério de Educação. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Moura, A. (2003). Desenho de uma pesquisa: passos de uma investigação acção. *Revista Educação*.
- Moura, A., & Cachadinha, M. (2007). A arte como instrumento de educação social e de desenvolvimento cívico. In M. O. Oliveira, *Arte, Educação e Cultura* (p. 197 a 214). Santa maria: editoraufsm.
- Pacheco, J. A. (1995). *Da componente nacional às componentes curriculares regionais e locais*. Braga: Universidade do Minho.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da Criança*. Amadora: McGraw-Hill de Portugal, Lda.
- Patton, O. M. (1980). *Qualitative evaluation methods*. Beverly Hills CA: Fage.
- Reis, R. (2003). *Educação pela arte*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Robson, C. (1993). *Real world research: resource for social scientists and parctitioner researchers*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Rodrigues, D. D. (2002). *A infancia da Arte, a Arte da Infância*. Porto: Edições ASA.
- Serrano, G. P. (1994). *Investigacion cualitativa. Retos e interrogantes. I*. Madrid: Editorial La Muralla, S. A.,
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.

Webgrafia

- <http://www.jf-meadela.com/>
- <http://www.acep-meadela.com/>
- <http://www.cscmeadela.com/>
- <http://www.paroquiameadela.pt/meadela.html>

Anexos

Anexo 1. Área da casinha



Anexo 2. Área da Expressão Plástica



Anexo 3. Área do computador



Anexo 4. Área das construções



Anexo 5. Cantinho da Leitura



Anexo 6. Área dos Jogos de Mesa



Anexo 7 – Planificação da primeira atividade

Objetivos	Atividades	Materiais	Avaliação
<p>-Desenvolver uma atividade alusiva à <i>Páscoa</i></p> <p>-Demonstrar saber pegar e utilizar corretamente num pincel;</p> <p>-Promover a utilização -de diversos materiais;</p> <p>-Promover o desenvolvimento da criatividade;</p> <p>-Promover a criação de objetos.</p>	<p style="text-align: center;"><u>Primeira parte</u></p> <p>A estagiária dará a cada criança um balão de água (a estagiária irá fazer uma pequena referencia à dimensão de diversos tipos de balões, de forma a relembrar conceito de medida e grandeza), que estará colado a um copo de plástico, assim como, tiras de jornal e copos com cola branca e pincéis. A parte do balão que ficará colada para dentro do copo é a parte do nó. Desta forma as crianças terão que cobrir a parte do balão que está mostra, com o jornal e cola branca.</p>	<p>-Balões de água;</p> <p>- Copos de plástico;</p> <p>-Tiras de jornal;</p> <p>- Pincéis;</p> <p>-Cola branca.</p>	<p>-Demonstra interesse pela atividade;</p> <p>-Demonstra motivação na realização da atividade;</p> <p>-Pega no pincel com o polegar e dedo indicador (pinça);</p> <p>- Cola os materiais de forma correta.</p>
<p>-Desenvolver a técnica da pintura.</p> <p>-Desenvolver o uso do da técnica do guache;</p> <p>-Desenvolver o uso do pincel;</p> <p>-Promover o uso da tesoura.</p>	<p style="text-align: center;"><u>Segunda parte</u></p> <p>As crianças irão continuar a fazer a prenda da <i>Páscoa</i>. Nesta fase as crianças irão ter que colorir os seus “ovos”, segundo a temática da <i>Páscoa</i>, com guache, da forma como desejarem. De seguida terão que recortar a parte do “ovo”, que está aberta de forma a recriar uma casca de ovo quebrada.</p>	<p>- Pincéis;</p> <p>- Tintas;</p> <p>-Tesouras.</p>	<p>-Demonstra interesse pela atividade;</p> <p>-Demonstra motivação na realização da atividade;</p> <p>-Pega no pincel com o polegar e dedo indicador (pinça);</p> <p>-Recorta e posiciona corretamente a tesoura.</p>

Anexo 8 – Planificação da segunda atividade

Objetivos	Atividades	Materiais	Avaliação
<p>-Promover a pintura;</p> <p>-Promover a noção de cores primárias e secundárias;</p> <p>-Promover a criatividade;</p> <p>-Promover o gosto pela pintura.</p>	<p>Nesta atividade será proposto às crianças, que com a ajuda da personagem do Rafa Pintor criem um “catálogo” de cores. Serão apresentadas às crianças as cores primárias, assim como será explicado que partir daquelas cores é possível criar “novas”, e que para tal elas têm que misturar as cores. Será pedido que as crianças registem numa folha as duas cores que misturaram e a cor resultante. As derivações de cores que as crianças fizerem serão colocadas em pratos de papel, para posteriormente elas serem utilizadas e fazerem uma pintura sobre a profissão que gostariam de ter quando forem “grandes”.</p>	<p>-Panos;</p> <p>-Guaches;</p> <p>-Copos com água;</p> <p>-Folhas de registo;</p> <p>-Pratos de papel.</p>	<p>-Demonstra interesse pela atividade;</p> <p>-Identifica as cores primárias;</p> <p>-Obtêm cores secundárias;</p> <p>-Desmonta capacidade de organização no registo das cores.</p>

Anexo 9 – Planificação da terceira atividade

Objetivos	Atividades	Materiais	Avaliação
<p>-Promover o uso de diversos materiais.</p> <p>-Desenvolver a motricidade fina</p>	<p style="text-align: center;"><u>Primeira parte</u></p> <p>As crianças com a ajuda da estagiária irão fazer pasta de papel. Num primeira fase rasgaram caixas de ovos em pedaços pequenos e colocá-los-ão numa bacia com água e cola branca, depois misturaram os materiais até que o cartão das caixas esteja desfeito e comece a formar uma pasta homogénea. Para a realização da atividade crianças estarão divididas em dois grupos, e as mesas estarão protegidas com um plástico.</p>	<p>- Água</p> <p>- Cola branca;</p> <p>- Caixas de ovos;</p> <p>- Panos;</p> <p>- Bacia.</p>	<p>- Demonstra interesse pela atividade;</p> <p>- Demonstra motivação na realização da atividade;</p> <p>- Demonstra compreender os procedimentos da atividade.</p>
<p>-Promover a criação de com dimensão espacial.</p> <p>-Promover o uso de materiais diversificados;</p> <p>-Promover o conceito de objeto tridimensional;</p> <p>-Promover o conceito de forma e volume dos corpos;</p> <p>-Promover a criatividade.</p>	<p style="text-align: center;"><u>Segunda parte</u></p> <p>As crianças terão de modelar um objeto tridimensional que seja representativo da profissão que escolheram anteriormente com a pasta de papel.</p>	<p>-Pasta de papel.</p>	<p>-Cria objetos tridimensionais;</p> <p>-Demonstra criatividade;</p> <p>-Demonstra interesse pela técnica;</p> <p>-Demonstra criatividade.</p>

Anexo 10 – Planificação da quarta atividade

Objetivos	Atividades	Materiais	Avaliação
<p>-Promover o uso de novos materiais;</p> <p>-Promover o trabalho autónomo;</p> <p>-Promover a criatividade;</p> <p>-Promover o conceito de impressão;</p> <p>-Desenvolver a correta utilização da tesoura;</p> <p>-Desenvolver o uso do pincel;</p>	<p>Será entregue a cada criança o molde de uma caixa assim como um cartão/postal que serão partes da prenda do Dia da Mãe. As crianças estarão divididas em dois grupos sendo que enquanto uns estarão a recortar o postal, outros estarão a fazer a decoração da caixa. A decoração da caixa será feita a partir da técnica de impressão Monotípia, que é realizada a partir de uma superfície de vidro. As crianças terão que pincelar os vidros com diversas cores de guache, para de seguida, fazerem um desenho com os dedos, posteriormente terão que pegar no molde e colocá-lo, com as linhas guia para cima, em cima do desenho que fizeram e pressionar o molde contra o vidro e assim retirar o molde para que este fique com a impressão do desenho. Com esta etapa complete a criança terá que limpar a superfície de vidro para que a criança seguinte possa fazer o seu desenho. Para esta atividade as mesas estarão protegidas com plásticos e as crianças estarão a fazer a atividade em grupos de três. As crianças que estiverem a recortar o postal terão que o decorar pintando o desenho impresso. Assim como irão cola a frases que fizeram sobre a mãe, anteriormente.</p>	<p>-Moldes das caixas;</p> <p>-Moldes dos cartões;</p> <p>-Tesouras;</p> <p>-Lápis de cor;</p> <p>-Cola branca;</p> <p>-Molduras;</p> <p>-Guaches;</p> <p>-Pincéis Panos.</p>	<p>-Demonstre interesse pela atividade;</p> <p>-Demonstra motivação na realização da atividade;</p> <p>-Utiliza os materiais na ordem correta;</p> <p>-Pega no pincel com o polegar e dedo indicador (pinça);</p> <p>-Recorta e posiciona corretamente a tesoura;</p> <p>-Pegar corretamente no lápis;</p> <p>-É capaz de fazer colagens sozinha;</p> <p>-Pinta por dentro das margens.</p>

Anexo 11 – Planificação da quinta atividade

Objetivos	Atividades	Materiais	Avaliação
<p>-Promover o uso de diferentes técnicas de expressão plástica.</p> <p>-Promover o uso de materiais diversificados;</p> <p>-Promover o conceito de objeto tridimensional;</p> <p>-Promover o conceito de forma e volume dos corpos;</p> <p>-Promover a criatividade.</p>	<p>As crianças irão criar aflores da princesa Dália-Linda, para tal irão utilizar pasta de farinha. Com a qual terão que criar as flores de forma tridimensional. Para a realização desta atividade as mesas estarão protegidas com papel de cenário.</p>	<p>-Pasta de farinha;</p> <p>-Papel de cenário.</p>	<p>-Cria objetos tridimensionais;</p> <p>-Demonstra criatividade;</p> <p>-Demonstra interesse pela técnica;</p> <p>-Demonstra criatividade.</p>

Anexo 12 – Planificação da sexta atividade

Objetivos	Atividades	Materiais	Avaliação
<p>-Promover o uso de diferentes técnicas de expressão plástica.</p> <p>-Promover o uso de materiais diversificados;</p> <p>-Promover a criatividade.</p> <p>-Promover o conceito de impressão.</p>	<p>A estagiária irá entregar às crianças placas feitas com pacotes de leite, nas quais terão que desenhar com um lápis o que mais gostaram de aprender sobre a Idade Média. Posteriormente as crianças terão que pincelar com guache por cima das placas, para posteriormente colocarem uma folha por cima da placa para verem a impressão do que desenharam.</p>	<p>-Placas de pacotes de leite;</p> <p>-Pincéis;</p> <p>- Guaches;</p> <p>-Folhas brancas.</p>	<p>- Demonstre interesse pela atividade;</p> <p>- Demonstra motivação na realização da atividade;</p> <p>- Utiliza os materiais na ordem correta.</p>